

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO – BACHARELADO

Vanesa Romansin

**CORREIO DO POVO E MEIO AMBIENTE:
ANÁLISE DA COBERTURA AMBIENTAL DO JORNAL ENTRE 2010 E
2019**

Frederico Westphalen, RS
Junho de 2024

Vanesa Romansin

**CORREIO DO POVO E MEIO AMBIENTE:
ANÁLISE DA COBERTURA AMBIENTAL DO JORNAL ENTRE 2010 E 2019**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo: Bacharelado, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Herte de Moraes

Frederico Westphalen, RS
Junho de 2024

Vanesa Romansin

CORREIO DO POVO E MEIO AMBIENTE
ANÁLISE DA COBERTURA AMBIENTAL DO JORNAL ENTRE 2010 E 2019

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo: Bacharelado, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**

Aprovada em 24 de junho de 2024

Cláudia Herte de Moraes, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Reges Toni Schwaab, Dr. (UFSM)

Mirian Redin de Quadros, Dra. (UFSM)

Frederico Westphalen, RS
2024

“A natureza é nosso bem comum.
Temos de voltar a ela e desenvolver
processos acessíveis a todos.
É dessa forma que fazemos mudanças:
pelo conhecimento”
(AILTON KRENAK)

AGRADECIMENTOS

Confesso que não sei direito por onde começar, acredito que as primeiras pessoas que devo agradecer são meus pais. Foi deles que veio todo o apoio que eu precisava para conseguir prosseguir com esse projeto, já que fazer um TCC é mais cansativo do que eu jamais imaginei. Gostaria de deixar um agradecimento especial à minha mãe, a pessoa que ficava a cada pouco perguntando como o trabalho estava indo, e para que eu contasse para ela os resultados. Sei que era preocupação, com medo de que eu viesse a ficar sobrecarregada, e sofresse novamente com ansiedade, mas era divertido ficar explicando o passo a passo de uma pesquisa acadêmica para ela.

Já que falei em ansiedade, outra pessoa que me fez manter o foco e conseguir chegar até aqui foi minha psicóloga, Sarita. Acho que quase a enlouqueci, já que semana após semana, ela tinha que me ouvir falando sobre meio ambiente, e o quanto o site do Correio do Povo estava me irritando, e ela sempre positiva dizendo que ia dar tudo certo, e no final deu certo mesmo. Confesso que gostaria de ter um pouco dessa positividade.

E de todas as pessoas que cruzaram meu caminho, a única comparada em positividade com a Sarita, é minha orientadora Professora Dra. Cláudia Herte de Moraes, que foi extremamente importante nesse processo, desde suas ideias mirabolantes para tabelas, listas e levantamentos, aos mínimos conselhos e indicações de autores que iriam enriquecer o texto. Parando para pensar, tenho que agradecer a ela duplamente, já que esse meu interesse em me aprofundar no discurso ambiental e tudo que rodeia esse tópico, veio de uma matéria que tive com ela, vulgo “comunicação, cidadania e ambiente”, então, obrigada duas vezes prof.

Tirando minha orientadora, se eu fosse agradecer a um ou dois professores da graduação apenas, seria leviano da minha parte, todos foram importantes à sua maneira, seus ensinamentos foram a base para que esse trabalho fosse possível.

Aos membros da banca Prof. Dra. Mirian Redin de Quadros, Prof. Dr. Reges Toni Schwaab e Prof. Dr. José Antônio Meira Rocha, gostaria de agradecer imensamente por terem aceitado o convite e pelas contribuições ao trabalho.

RESUMO

CORREIO DO POVO E MEIO AMBIENTE: ANÁLISE DA COBERTURA AMBIENTAL DO JORNAL ENTRE 2010 E 2019

AUTORA: Vanesa Romansin
ORIENTADORA: Cláudia Herte de Moraes

Este trabalho realiza uma análise abrangente da cobertura ambiental pelo jornal Correio do Povo, focalizando as questões que moldaram a década de 2010 no Brasil. O problema central da pesquisa é investigar como o jornal abordou e discutiu essas questões ao longo do período. Os objetivos específicos incluem: discutir o papel do jornalismo ambiental na melhoria da cobertura ambiental; analisar como o Correio do Povo noticiou e discutiu os principais temas ambientais na década de 2010; e refletir sobre o papel do jornal nessa cobertura ao longo do período. Para alcançar esses objetivos, foram aplicados critérios e abordagens específicas, optando-se pela análise de conteúdo como método principal de pesquisa.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; correio do povo; análise de conteúdo;

ABSTRACT

CORREIO DO POVO AND ENVIRONMENT: ANALYSIS OF THE NEWSPAPER'S ENVIRONMENTAL COVERAGE BETWEEN 2010 AND 2019

AUTHOR: Vanesa Romansin
ADVISOR: Cláudia Herte de Moraes

This study provides a comprehensive analysis of environmental coverage by the newspaper Correio do Povo, focusing on the issues that shaped the 2010s in Brazil. The central research problem is to investigate how the newspaper addressed and discussed these issues throughout the period. Specific objectives include: discussing the role of environmental journalism in improving coverage; analyzing how Correio do Povo reported and discussed key environmental topics in the 2010s; and reflecting on the newspaper's role in this coverage over the period. To achieve these objectives, specific criteria and approaches were applied, opting for content analysis as the primary research method.

Keywords: environmental journalism; Correio do Povo; content analysis;

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACES

JA - Jornalismo Ambiental

CP - Correio do Povo

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

IVC - Instituto Verificador de Comunicação

ONU - Organização das Nações Unidas

IPCC - Painel Intergovernamental sobre mudanas climáticas

INMET - Instituto Nacional de Meteorologia

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – CP em novembro de 2010.....	41
FIGURA 02 – CP em novembro de 2016.....	41

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Taxas de desmatamento por ano entre 2010 e 2019 em Km ²	26
GRÁFICO 02 – Total acumulado de focos de queimadas no Brasil.....	27
GRÁFICO 03 – Teoria de Hannigan aplicada ao CP.....	45
GRÁFICO 04 – Porcentagem por categoria da teoria de Hannigan (2009).....	46
GRÁFICO 05 – Tipos de acontecimentos que mais ganham destaque no Brasil.....	48
GRÁFICO 06 – Tipos de acontecimentos que mais ganham destaque internacionalmente.....	50
GRÁFICO 07 – Porcentagem de aparição de cada grupo de fontes.....	60
GRÁFICO 08 – Altos e baixos da cobertura ambiental ao longo dos anos.....	62
GRÁFICO 09 – Comparação percentual das editorias entre 2010 e 2019.....	63

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Acontecimentos ambientais que marcaram a década de 2010.....	23
TABELA 02 – Classificação das Fontes segundo Schmitz (2011).....	30
TABELA 03 – Estados que mais acessam o jornal Correio do Povo.....	32
TABELA 04 – Distribuição e Organização da Análise de Conteúdo.....	37
TABELA 05 – Total de matérias ambientais entre 2010 e 2019.....	42
TABELA 06 – Divisão da teoria de Hannigan (2009).....	43
TABELA 07 – Classificação das fontes nas reportagens especiais do CP.....	54
TABELA 08 – Número de notícias ambientais mensais separados por ano.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Estado da Arte.....	14
1. JORNALISMO E MEIO AMBIENTE.....	17
1.1. Jornalismo Ambiental.....	17
1.2. Meio Ambiente como Questão Norteadora.....	20
1.2.1. Meio Ambiente em Retrospectiva (2010-2019).....	23
2. A COBERTURA JORNALÍSTICA:.....	28
2.1. A Construção da Notícia.....	28
2.2. Correio do Povo.....	32
3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	34
4. COBERTURA AMBIENTAL NO CORREIO DO POVO.....	39
4.1. Coleta e Organização dos Dados.....	39
4.2. Análise de Conteúdo.....	40
4.2.1. Correio do Povo: Teoria de John Hannigan (2009).....	42
4.2.2. Análise Temporal.....	47
4.2.3. Análise Geográfica.....	50
4.2.4. De onde vem as informações? Quais são as fontes?.....	53
4.2.5. Padrões Editoriais.....	61
5. RESUMO, PERCEPÇÕES E CONEXÕES.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

A relação entre jornalismo e meio ambiente sempre foi um tanto complexa. O jornalismo engajado com o meio ambiente, e tendo esse como tema central, surgiu no período pós-guerra, impulsionado, entre outros fatores, pelo rápido crescimento industrial que trouxe consigo uma devastação ambiental sem precedentes.

O jornalismo ambiental não prioriza apenas a divulgação de informações, ele adota uma postura engajada e militante, buscando sensibilizar seus leitores, podendo desempenhar o papel de incentivador, sendo capaz de ocasionar a adoção de ações responsáveis em relação ao meio ambiente.

Mesmo sendo uma especialização antiga, o Jornalismo Ambiental tem conquistado seu espaço timidamente no cenário jornalístico, pois infelizmente, esse tipo de cobertura é relegado a segundo plano, ainda mais levando em consideração o caráter empreendedor dos veículos de comunicação, nesse cenário está em sua maioria veículos de imprensa hegemônicos, como o *Correio do Povo*.

Fundado em Porto Alegre, pelo empresário sergipano Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, em 1º de outubro de 1895, o jornal *Correio do Povo*, desde seu princípio, tem sustentando uma base sólida de ser “independente, nobre e forte” em seu jornalismo, segundo ele próprio.

A vontade de Caldas Júnior era que o jornal fosse destinado “a toda massa, não a determinados indivíduos de uma facção”, as palavras presentes na carta editorial do periódico refletem os princípios de seu fundador, para ele o CP deveria ser “uma folha lida e apreciada por todos, sem poupar esforços nem medir sacrifícios”.

O presente trabalho de conclusão de curso propõe investigar o jornal *Correio do Povo* e o jornalismo ambiental paralelamente, como um colaborou com a evolução do outro no cenário brasileiro. Essa pesquisa é orientada pela seguinte problemática: **“Como o jornal *Correio do Povo* abordou e discutiu as questões ambientais que moldaram a década de 2010 no Brasil?”**

Baseado nessa problemática, o objetivo geral é **“analisar a cobertura do jornal *Correio do Povo* sobre acontecimentos ambientais durante a década de 2010 no Brasil”**, buscando identificar e analisar de quais maneiras o jornal contribuiu para a disseminação dessas questões durante o período.

Para atingir tais propósitos, essa pesquisa irá se subdividir em três objetivos específicos:

1. Discutir como o jornalismo ambiental pode colaborar na melhoria da cobertura do meio ambiente;
2. Analisar de qual forma o jornal *Correio do Povo* noticiou e discutiu os principais temas ambientais na década de 2010;
3. Refletir sobre o papel do jornal *Correio do Povo* na cobertura ambiental da década.

Para uma melhor sustentação, essa pesquisa busca bases de natureza científica, social e pessoal. No âmbito científico, ao propor uma análise de uma década de cobertura ambiental, a proposta é fornecer percepções acerca da evolução desse tipo de cobertura e seu impacto para com o público.

Do ponto de vista social, neste trabalho está sendo considerado em primeiro lugar o papel essencial do jornalismo ambiental na formação da opinião pública, por isso, a pesquisa visa contribuir para o aprimoramento das coberturas jornalísticas de cunho ambiental, incentivando maior engajamento da sociedade em tópicos relacionados à conservação e sustentabilidade.

Agora, pessoalmente falando, sempre tive ligação com o meio ambiente, sou filha de agricultores, então, isso sempre esteve presente na minha vida de uma maneira ou de outra. Quando entrei na graduação, eu pude notar que existe um certo distanciamento entre o jornalismo “tradicional” e o meio ambiente, mas ao cursar “comunicação, cidadania e ambiente” e posteriormente “comunicação, cultura e poder” pude notar que talvez o problema seja um pouco mais complexo do que eu inicialmente imaginava, o que direta e indiretamente acabaram influenciando na escolha do objeto da pesquisa.

Escolher o *Correio do Povo* como objeto de estudo não foi uma decisão muito fácil, principalmente porque desde o início, a ideia era evitar veículos especializados em questões ambientais, dando preferência a veículos de comunicação com uma forte orientação comercial. Outros jornais chegaram a ser considerados, como *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, por exemplo, entretanto, no final foi dada preferência ao jornal gaúcho, pois isso seria mais interessante. Entretanto, o que foi determinante para a decisão final, em escolher o *Correio do Povo* foi sua história e tradição como um dos jornais mais antigos do estado, e do país, levando em consideração que isso pode agregar maior profundidade à pesquisa, especialmente no que diz respeito aos padrões jornalísticos, de cobertura e outros aspectos relevantes.

A década estudada foi criteriosamente escolhida, levando em consideração muitos fatores pessoais. A partir de 2010, comecei a ter contato com as notícias e o jornalismo

propriamente dito, já que, nessa época, meus pais passaram a me deixar assistir aos jornais com eles, algo que antes era restrito a desenhos animados.

Alguns dos casos mencionados neste trabalho trazem lembranças sólidas dessa época. Lembro-me nitidamente da cobertura feita pela Rede Globo sobre os deslizamentos na região Serrana do Rio, em 2011. Portanto, escolher essa década como tempo de pesquisa remete a algumas memórias da minha infância, e devido a essas lembranças, sem querer, acabei tropeçando em uma década complexa, e pode-se dizer que uma década de extremos no meio ambiente.

Estado da Arte

O primeiro passo deste trabalho foi uma análise abrangente do estado da arte, iniciando por jornalismo ambiental, depois passando para eventos ambientais, cobertura de eventos ambientais, o jornal *Correio do Povo* e por último, as metodologias que seriam mais adequadas para o desenvolvimento do mesmo.

Em primeiro momento, foi realizada uma revisão sistemática das teses de doutorado disponíveis no portal de teses e dissertações da Capes, utilizando o termo de pesquisa “jornalismo ambiental”. A seleção resultou em 13 trabalhos, que foram examinados e posteriormente fichados com base em conceito, características e contexto histórico do jornalismo ambiental, chegando a autores como: Schwaab (2011), Moraes (2015), Loose (2021), Steigleder (2021), Silva (2015), Belmonte (2020) e Fante (2020). Em seguida, a mesma pesquisa foi repetida no site Google Acadêmico, chegando a autores como Girardi et al (2008, 2012 e 2018) e Bueno (2005 e 2007).

Após isso, foi traçado uma linha do tempo com os principais avanços no campo ambiental, nesse ponto os principais autores utilizados foram Schwaab (2011) e Silva (2015), além do banco de dados da ONU, e partes do livro “Jornalismo Ambiental: Teoria e Prática” (2018).

Para entrar de fato no campo jornalístico, o primeiro ponto a ser destacado foi o aprofundamento em volta da teoria do jornalismo construcionista, trabalhando através dessa teoria o conceito de jornalismo, notícia, valor-notícia, acontecimento jornalístico, cobertura jornalística, importância das fontes, e por fim dando maior destaque à Teoria da Agenda Setting. Para o desenvolvimento desse tópico, os autores utilizados foram: Traquina (2005), Lage (2001), Pena (2017), Rodrigues (1993), Moraes (2015), Hannigan (1995), Nelson (1994) e Schmidt (2011).

Para contextualizar a história do objeto de pesquisa, o próprio jornal foi utilizado como fonte de pesquisa, assim como os trabalhos de Massierer (2007) e Fante (2020) que além de estudarem o jornal Correio do Povo, fazem isso em um contexto ambiental, estudando a cobertura e formas que o jornal trabalhou com o tópico. Outro material bastante usado na pesquisa para a contextualização do objeto foi o livro “Correio do Povo: História e Memórias” (1997), do jornalista Sérgio Roberto Dillenburg. Para informações técnicas sobre o jornal, a tabela comercial do mesmo foi utilizada para embasamento.

Para elaborar a metodologia de pesquisa, o primeiro passo foi entender a abordagem qualitativa, para isso foi-se utilizado autores como Bayer (2008) e Minayo (2007), após ter identificado a abordagem da pesquisa, o próximo passo foi a natureza, que após estudos, deduziu-se que era de natureza aplicada, para isso foi utilizado os autores Fleury e Werlang (2016) e Gil (2002 e 2007). Quanto aos métodos, ficou estabelecido que pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo seriam os mais adequados devido à natureza da pesquisa, para isso autores como Stumpf (2005), Júnior (2005) e Bardin (2011) foram utilizados para exemplificar e explicar os métodos.

Todas as etapas descritas acima proporcionaram uma base sólida para o desenvolvimento da pesquisa, apresentando uma visão abrangente e fundamentada sobre o tema pesquisado.

Nesse contexto, surge a sequenciação dos fatos apresentados neste trabalho: foram ao todo 5 capítulos. No primeiro é feita a contextualização e conceituação de Jornalismo ambiental, posteriormente é desenvolvida uma linha do tempo descrevendo os avanços na preservação ambiental e por fim, o capítulo termina com uma linha do tempo com todos os acontecimentos que marcaram a década de 2010 no âmbito ambiental.

O capítulo 02, ficou intitulado como “a cobertura jornalística”, na primeira parte deste capítulo foi desenvolvido os tópicos e ações necessárias para uma cobertura jornalística coesa e bem otimizada. Na segunda parte do capítulo, foi então elaborado o objeto de pesquisa, o Correio do Povo, contando sua história e principais apontamentos feitos por alguns pesquisadores em relação à suas coberturas e notícias. No próximo capítulo, denominado de “métodos e técnicas de pesquisa”, onde foi-se descrito as metodologias usadas para o desenrolar desse trabalho, e explorando como cada objetivo poderá ser respondido usando as metodologias escolhidas.

No quarto capítulo, é estudado o passo a passo da pesquisa, e por conseguinte a análise de conteúdo, explorando os dados obtidos e comparando-os com outros pesquisadores e

visões de pesquisa. O quinto e último capítulo é onde foram feitas observações adicionais de pesquisa, e algumas ligações entre os tópicos estudados.

Por fim, nas considerações finais foi apresentado um resumo dos resultados, seguindo de dificuldades encontradas no percurso do trabalho, além de possíveis caminhos que podem ser seguidos para a ampliação da pesquisa. E finalizando as considerações, foi feito um balanço reflexivo da pesquisa.

1. JORNALISMO E MEIO AMBIENTE

1.1. Jornalismo Ambiental

A crescente presença de temáticas ambientais em noticiários, tanto em escala nacional, quanto internacional, é essencialmente impulsionada pelos recorrentes desdobramentos das emergências ambientais globais, e conseqüentemente, a responsabilidade de disseminar essas informações para o público recai para o jornalismo ambiental, uma área que, apesar de sua abrangência e relevância, é frequentemente relegado a segundo plano, em comparação a outros campos jornalísticos.

O JA teve suas raízes no jornalismo científico¹, os primeiros vestígios do que poderia ser considerado jornalismo ambiental efetivamente. Segundo Belmonte (2017), o JA surgiu na Europa na década de 1960, e posteriormente se disseminou para os Estados Unidos, onde futuramente, a corrente brasileira do JA buscaria inspiração e influência considerável.

A primeira entidade focada exclusivamente na cobertura ambiental surgiu em Paris, na França, em 1969, comumente conhecida como Associação dos Jornalistas-Escritores para a Natureza e Ecologia, fundada por Pierre Pellerin. Posteriormente, nos Estados Unidos, surgiria, em 1990, a Sociedade dos Jornalistas Ambientais.

No Brasil, a primeira entidade focada em reunir jornalistas ambientais surgiu em 1990, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, ou como foi apelidado NEJ-RS, permanecendo ativo até os dias atuais. Entretanto, antes mesmo da fundação do NEJ-RS, e outros núcleos regionais, a atividade de jornalistas ambientais já era muito documentada no Brasil

Talvez o exemplo mais proeminente desse fato, seja o jornalista Randau Marques, tido como o pioneiro do jornalismo ambiental brasileiro, que ainda nas décadas de 1960 e 1970, já escrevia em suas reportagens sobre os perigos da degradação ambiental. Marques chegou até mesmo a ser preso em 1968, durante a Ditadura Militar (1964-1985), por causa de uma matéria denunciando a contaminação de sapateiros com chumbo.

Historicamente falando, o JA ainda é uma área relativamente recente, em relação a outras especializações jornalísticas, conforme observado por Nelson (1994), a especialidade vem ganhando espaço, já que desde de 1994 “ a maioria das agências de notícia reconhece que o meio ambiente é uma grande fonte de pautas” (NELSON, 1994, p.13).

¹ “O Jornalismo Científico se constitui em um caso particular de divulgação científica e refere-se a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que situam no campo da ciência e tecnologia. Desempenha funções econômicas, político-ideológicas e sócio-culturais importantes e viabiliza-se, na prática, através de um conjunto diversificado de gêneros jornalísticos”. (BUENO, 1984, p.11)

O jornalismo ambiental hoje não é mais tão amarrado mercadologicamente, diferente do que era há trinta anos, por exemplo, muito embora, diversos autores ainda apontam que o fator mercadológico, muitas vezes aumentem a dificuldade de praticar o JA no Brasil.

Segundo Belmonte (2020), o jornalismo ambiental, nesse sentido, acaba se tornando uma especialização com menos prestígio, ou até mesmo “marginalizada”, isso, dando-se principalmente, por levantar muitos questionamentos que em algum momento entram em conflito com interesses da classe dominante.

Por questionar interesses econômicos, políticos e culturais, o jornalismo ambiental é uma especialização marginal no jornalismo brasileiro, com autonomia bastante reduzida. Marginal no sentido de sobreviver à margem das demais especializações de maior prestígio, como a econômica, que pode ser setorial e/ou macroeconômica, e a futebolística, apenas para citar duas que sempre atraem grandes anunciantes, e a política, que dá credibilidade institucional ao veículo e abre um diálogo com os governantes da vez nas esferas municipal, estadual e federal, anunciantes igualmente importantes no mercado jornalístico brasileiro. (BELMONTE, 2020, p.186)

Diversas vezes, relacionado como uma especialização como tantas outras presentes no jornalismo, ou até mesmo marginalizada, entretanto, a natureza do JA transcende em muito essa visão limitada de ser apenas “mais uma especialização”, conforme apontado por Girardi et al. (2012):

Não há uma definição consensual sobre jornalismo ambiental e o que afeta diretamente sua prática. Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais, entendemos que o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada. (GIRARDI et al. 2012, p. 137)

Nesse contexto, então, pode-se entender que o JA desempenha um papel de mídia cidadã, sua principal missão é disseminar informações vitais sobre questões ambientais, proporcionando informações confiáveis, para o público poder entender a complexidade desses tópicos e suas consequências. O jornalismo ambiental, em alguns pontos, pode atuar também como um catalisador, estimulando debates em vários contextos, sendo fundamentais para moldar políticas e estratégias eficazes de enfrentamento dos desafios ambientais, seja ao nível local, nacional ou internacional.

Bueno (2007) afirma que o jornalismo ambiental almeja um conceito maior que o do jornalismo científico, e que não se confunda com o jornalismo econômico, em outras palavras, essa especialização jornalística precisa “construir o seu próprio *ethos*” (BUENO, 2007, p.36), buscando seu próprio DNA.

Nesse contexto, como seria possível conceituar jornalismo ambiental, segundo Bueno (2007), é possível conceituá-lo como: “o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leitor, não especializado”. (BUENO, 2007, p. 35). O autor processa sinalizando que:

O Jornalismo Ambiental contempla várias mídias ou ambientes (jornais, revistas, rádio, televisão, sites, newsletters, etc.) e, como as demais manifestações jornalísticas, caracteriza-se pelos atributos da atualidade e periodicidade. A cobertura jornalística ambiental pode estar inserida num veículo ao lado de outras coberturas (como ocorre basicamente nos jornais e revistas de informação geral ou nos programas de rádio e televisão), mas também pode ser o foco exclusivo de uma publicação, como acontece nas chamadas mídias ambientais. (BUENO, 2007, p. 35)

Nesse seguimento, Bueno (2007), ressalta que o JA desempenha diversas funções, mas três delas merecem maior destaque: Função Informativa (necessidade que os cidadãos possuem de estar por dentro das informações e temas de abrangência ambiental); Função Pedagógica (explicação de causas e possíveis soluções para problemas ambientais); e Função Política (mobiliza os cidadãos para entrar em conflito com os interesses que causam o agravamento dos problemas ambientais)

Movido por essas funções, o JA acaba assumindo algumas singularidades que o diferenciam do jornalismo dito como tradicional. Embora o JA trilhe um caminho distinto, é indispensável reconhecer que, conforme destacado por Bueno (2007) jornalismo ambiental é por essência jornalismo, continuando fundamentado nos princípios básicos do mesmo. A partir dessa premissa, o JA retém, assim como qualquer manifestação jornalística, atributos de regularidade, disseminação em diversas plataformas e realização de investigações rigorosas.

Traços distintos desse domínio compreendem uma ênfase na valorização da diversidade de perspectivas e, por conseguinte, uma abordagem sistêmica para contemplar de forma mais abrangente os temas em análise. Em outras palavras, o jornalismo ambiental consegue explorar conexões entre diferentes assuntos e suas nuances, buscando várias visões para a mesma questão.

O jornalista, que é, em primeiro lugar, um cidadão, deve contemplar a temática ambiental em sua perspectiva mais abrangente, buscando resgatar seu caráter multi e interdisciplinar. Por isso, precisa estar vigilante para não situá-la apenas em sua vertente técnica, fechando o foco e o desdobrando a partir de fontes especializadas ou científicas, nem sempre independentes. (BUENO, 2005, p. 122)

Girardi (2012) traz uma abordagem mais incisiva ao citar as características do JA, conforme destacado pela pesquisadora, o jornalismo deve incorporar as seguintes características:

[...] mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador. (GIRARDI, 2012, p.19 – 20)

Essas particularidades não representam meros adendos destinados a facilitar a compreensão sobre o tema, mas sim fundamentos que se estabelecem desde o início do jornalismo ambiental. Embora esse campo seja considerado jovem em relação a outras disciplinas da comunicação, já consolidou sua presença, ainda que de forma não completa. Nesse sentido, esses fundamentos continuam a se desenvolver e aprofundar-se ao longo do tempo.

1.2. Meio Ambiente como Questão Norteadora

Conforme observado no tópico 1.1, o JA tem por base o fornecimento contextualizado e preciso de informações de cunho ambiental, buscando educar, conscientizar e também influenciar o público sobre questões relacionadas ao meio ambiente. Mas seguindo essa lógica, de que forma seria possível conceituar esse meio ambiente?

Segundo a lei n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981, meio ambiente pode ser conceituado como um “um complexo de fatores físicos, químicos e biológicos que engloba condições, leis, influências e interações, permitindo, sustentando e regulando a existência de vida em todas as suas manifestações” (BRASIL, 1981). À luz dessa definição legal, pode-se entender que o meio ambiente representa um elemento de vital importância para a subsistência da espécie humana, tendo em vista que o meio ambiente fornece os recursos para a manutenção da vida.

Mesmo com essa necessidade pré-estabelecida, desde os primórdios da civilização humana, a relação entre os seres humanos e natureza é bastante intrincada. Moraes e Fante (2018) apontam que existem vestígios da existência de lutas ambientais há mais de um século, em municípios tanto brasileiros como europeus, no entanto, foi apenas em meados do século XX que as questões ambientais passaram a gerar preocupação aos governos e lideranças mundiais. A degradação do meio ambiente e a exploração indiscriminada dos recursos naturais resultaram em uma crise ambiental global que passou a ameaçar não apenas os ecossistemas, mas também, a qualidade de vida das gerações atuais e futuras.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa encontrava-se em um estado de completa destruição, com cidades e boa parte de sua infraestrutura destruídas. A reconstrução pós-guerra trouxe uma rápida industrialização, mas também resultou em altos níveis de poluição no ar e na água. Essa situação chamou a atenção para a necessidade de lidar com a poluição e degradação ambiental, fornecendo um contexto importante para o surgimento e entendimento das questões ambientais.

A multiplicação, na segunda metade do século XX, dos problemas relacionados à exploração desenfreada dos elementos da natureza e a degradação ambiental com caráter global intensificaram o debate ecológico e deram origem ao movimento ambientalista. (SCHWAAB, 2011, p.31)

O ponto inicial desse processo ocorreu em Paris, na França, em 1968, com a realização da Conferência da Biosfera², promovida pela UNESCO. Ainda em 1968, surgiu o Clube de Roma, cujo relatório publicado em 1972, adiantou os “[...] riscos à economia global capitalista devido à escassez dos chamados recursos naturais” (MORAES e FANTE, 2018, p. 56).

Em junho de 1972, ocorreu em Estocolmo, na Suécia, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Durante essa reunião foi concebida a Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, a qual conta com 26 princípios destinados à preservação do meio ambiente. Nesse mesmo encontro foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

Em 1980, a ONU convocou a Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) com o propósito de elaborar um relatório abrangente e de alcance global sobre a qualidade do meio ambiente, o comumente conhecido como Relatório Brundtland.

Entre 3 e 14 de junho de 1992, o Brasil sediou no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, amplamente conhecida como ECO-92 ou Cúpula da Terra, e representou um marco histórico nas discussões acerca das questões ambientais. Essa conferência desempenhou um papel fundamental na conscientização global sobre a importância da sustentabilidade ambiental³.

Em 2010, a cidade de Bali, na Indonésia, recebeu ministros do meio ambiente e delegações do mundo todo para a décima primeira sessão especial do Fórum Ministerial

² A Conferência da Biosfera refere-se a uma série de encontros e conferências internacionais que ocorreram para discutir questões relacionadas à biosfera, meio ambiente e à sustentabilidade.

³ Segundo Moraes e Fante (2018) a palavra sustentabilidade foi citada pela primeira vez na Declaração de Cocoyoc, em 1974, entretanto, foi apenas a partir do relatório Brundtland que a palavra passou a circular na agenda global.

Global sobre Meio Ambiente do PNUMA. Durante o encontro, foi adotado oficialmente a Declaração de Nusa Dua. Essa declaração enfatiza a relevância da preservação da biodiversidade, sinalizando sobre a urgência em combater as mudanças climáticas e realçando a importância da transição para uma “economia verde”⁴.

Por conseguinte, em junho de 2012, ocorreu no Brasil a Rio+20, que abordou questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo, ocorria a Cúpula dos Povos, envolvendo uma perspectiva mais ampla e diversificada da sociedade em discussões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável.

O próximo passo seria dado em 2014, na cidade de Nairóbi, no Quênia, onde aconteceu a Primeira Assembleia da ONU completamente dedicada à abordagem de questões ambientais, na qual foram divulgados os primeiros registros oficiais do Protocolo de Montreal⁵. Entre os dados apresentados, estavam dados do crescente aumento de indícios de recuperação da camada de ozônio. Ainda em 2014, a Cúpula do Clima, realizada em Nova York, Estados Unidos, reuniu líderes governamentais, representantes do setor empresarial e membros da sociedade civil com o propósito de deliberar sobre estratégias efetivas para uma redução substancial das emissões de carbono em escala global.

No ano de 2015, Paris sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, onde 195 nações estabeleceram o primeiro acordo climático universal e dotado de obrigações legais, o Acordo de Paris. Em 2017, entrou em vigor a Convenção de Minamata sobre mercúrio, cujo objetivo é proteger a saúde humana e o ambiente contra as emissões e liberações de compostos de mercúrio de origem humana.

António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas, convoca, em 2019, a Cúpula da Ação Climática, visando propor abordagens inovadoras e medidas concretas para um aumento de esforços no combate às mudanças climáticas. Além disso, a cúpula tinha o propósito de estimular a implementação de ações destinadas a alcançar os objetivos do Acordo de Paris.

Como se pode observar, o meio ambiente permeia as discussões e agendas governamentais a um bom tempo, embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido, não se pode negar que já existem avanços consideráveis nesse campo.

⁴ Segundo o PNUMA, essa economia deveria resultar na melhoria do bem-estar dos seres humanos e na igualdade social, e junto disso reduzir os riscos ambientais.

⁵ Assinado em 1987, o protocolo de Montreal visa eliminar a produção e o consumo de substâncias que causam a redução do ozônio estratosférico.

1.2.1. Meio Ambiente em Retrospectiva (2010-2019)

A implementação de ações voltadas para a preservação ambiental e o reconhecimento global da necessidade dessa proteção construíram um processo contínuo, longo e distante de encontrar uma solução definitiva. A década de 2010 ilustra bem essa realidade: enquanto uma parcela do mundo empenhava-se na proteção dos recursos naturais, a outra negligenciava o meio ambiente.

A década de 2010 foi marcada por dezenas de transformações na política, economia, ciência e, principalmente, no âmbito ambiental. Nesse período, o Brasil foi cenário de inúmeras discussões e eventos ambientais que não apenas deixaram sua marca no país, mas também ultrapassaram fronteiras, impactando outras nações.

Na tabela abaixo, estão listados os principais acontecimentos ambientais que marcaram a década, ocorridos no território brasileiro ou nos quais o Brasil esteve envolvido. Levando isso em consideração, foram selecionados eventos que ocorreram entre 1º de janeiro de 2010 e 31 de dezembro de 2019. Todas as informações estão apresentadas em ordem cronológica.

TABELA 01 – Acontecimentos ambientais que marcaram a década de 2010

Período/data	Acontecimento/fato
02.08.2010	É instituída no Brasil a Lei n.º 12.305, popularmente conhecida como Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).
11.01.2011	Onda de enchentes e deslizamentos na região serrana do Rio de Janeiro, deixando mais de 900 mortos e 35 mil desabrigados.
09.11.2011	Vazamento de óleo na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro, no campo de exploração de petróleo Frade, sob propriedade da empresa Chevron.
25.05.2012	Aprovação da Lei n.º 12.651 ou Novo Código Florestal Brasileiro.
20.06.2012 — 22.06.2012	O Brasil sedia a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20

27.09.2013	Relatório do IPCC, que indicava os riscos do aquecimento ambiental, indicando que a temperatura global poderia aumentar em até 4 °C até 2100, e o nível dos oceanos aumentando em até 82 cm até 2100.
23.06.2014	Nesse dia, iniciou-se em Nairóbi, no Quênia, a Primeira Assembleia Ambiental da ONU (UNEA).
23.09.2014	Data de início da Cúpula do Clima, realizada na Sede da ONU, em Nova York.
25.09.2015 — 27.09.2015	A Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, nessa reunião foram criados os 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável.
05.11.2015	Rompimento da Barragem do Fundão, no Distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, Minas Gerais.
30.11.2015 — 12.12.2015	Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, onde 195 países adotaram o primeiro acordo climático universal e com viés legal, comumente conhecido como Acordo de Paris.
2017	2017 foi o ano que mais registrou focos de queimadas no país, desde que o monitoramento através de satélites começou, em 1988.
17.03.2018 — 23.03.2018	Fórum Mundial da Água, realizado em Brasília, dito como um dos maiores eventos sobre a água em proporções globais.
25.01.2019	Rompimento da Barragem de rejeitos, localizada no Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais.

<p>30.08.2019 — meados de 2020</p>	<p>Manchas de óleo começaram a aparecer nas praias do litoral brasileiro, indo desde o Maranhão até o Rio de Janeiro, uma poluição de mais de 3.000 km.</p>
---	---

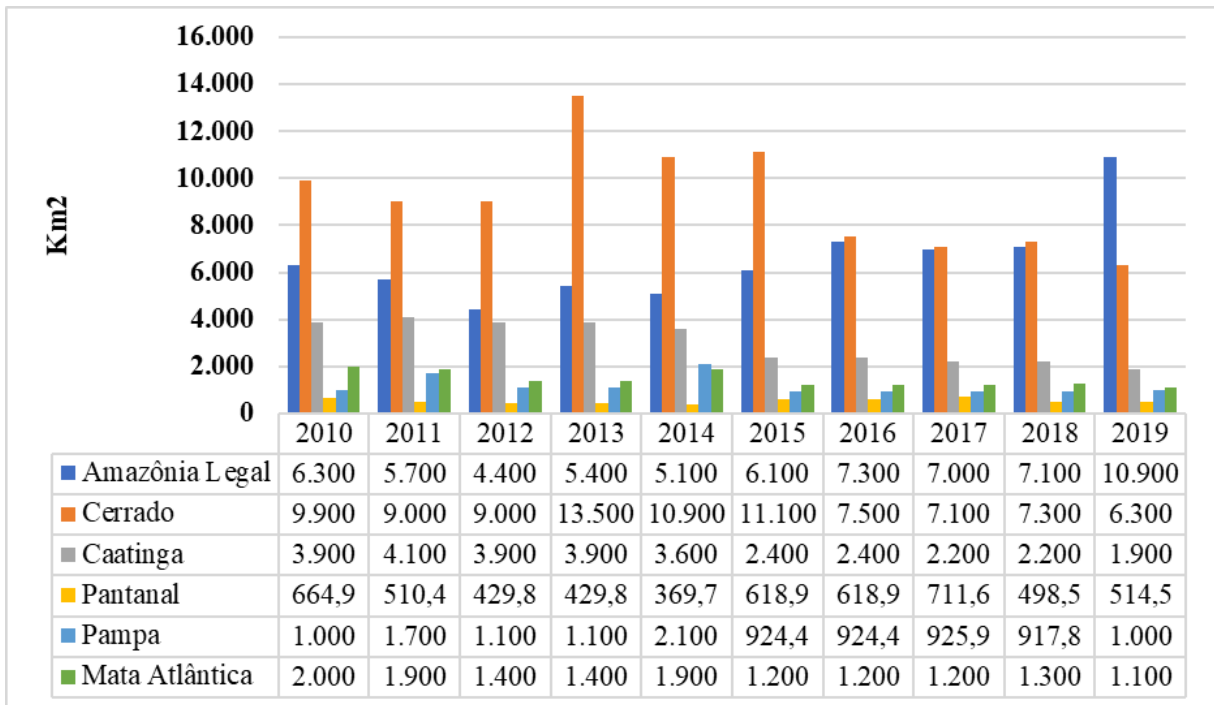
Fonte: Elaboração própria, baseado em buscas feitas nos mais variados veículos de comunicação

Em julho de 2010 começou a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, considerada a quarta maior usina hidrelétrica do mundo. Segundo relatório elaborado pela Eletrobrás, durante as três fases da construção da usina: estudo, construção e inauguração, a Usina gerou uma série de impactos no ambiente, causando impactos na flora e fauna nativa da região.

Outro fato interessante, se deu respectivamente em 2015, 2016 e 2019, quando, segundo o INMET, foram os anos mais quentes desde 1961 no Brasil, com variações chegando até 0,9 °C acima da média anual.

Desde a década de 1990, é lançado sob a tutela da Organização Meteorológica Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente publica todo ano, um relatório que estima os danos ao meio ambiente. Um dos relatórios mais marcantes do IPCC, foi lançado em 27 de setembro de 2013, foi lançado o quinto relatório do IPCC, que adiantou dezenas de acontecimentos que poderão ocorrer até mais ou menos 2100. Esse relatório deixou claro que o ser humano contribui entre 95% e 100%, com o aumento da temperatura terrestre. De 2016 até 2035, o painel estima que a temperatura terrestre global irá aumentar em cerca de 0,3 °C e 0,5°C, podendo chegar a quase 4 °C até 2100. Outra estimativa destacável, é que o volume glacial pode ser reduzido de 35% até 85% até 2100.

Esse aumento gradual da temperatura terrestre está diretamente relacionado ao aquecimento global, sendo esse causado, entre outros motivos, pelo desmatamento exacerbado dos biomas terrestres, e infelizmente, o Brasil ganha destaque nesse setor. O gráfico número 01 traz uma perspectiva ampla do cenário de desmatamento nos cinco biomas brasileiros de 2010 até 2019.

GRÁFICO 01 – Taxas de desmatamento por ano entre 2010 e 2019 em Km²

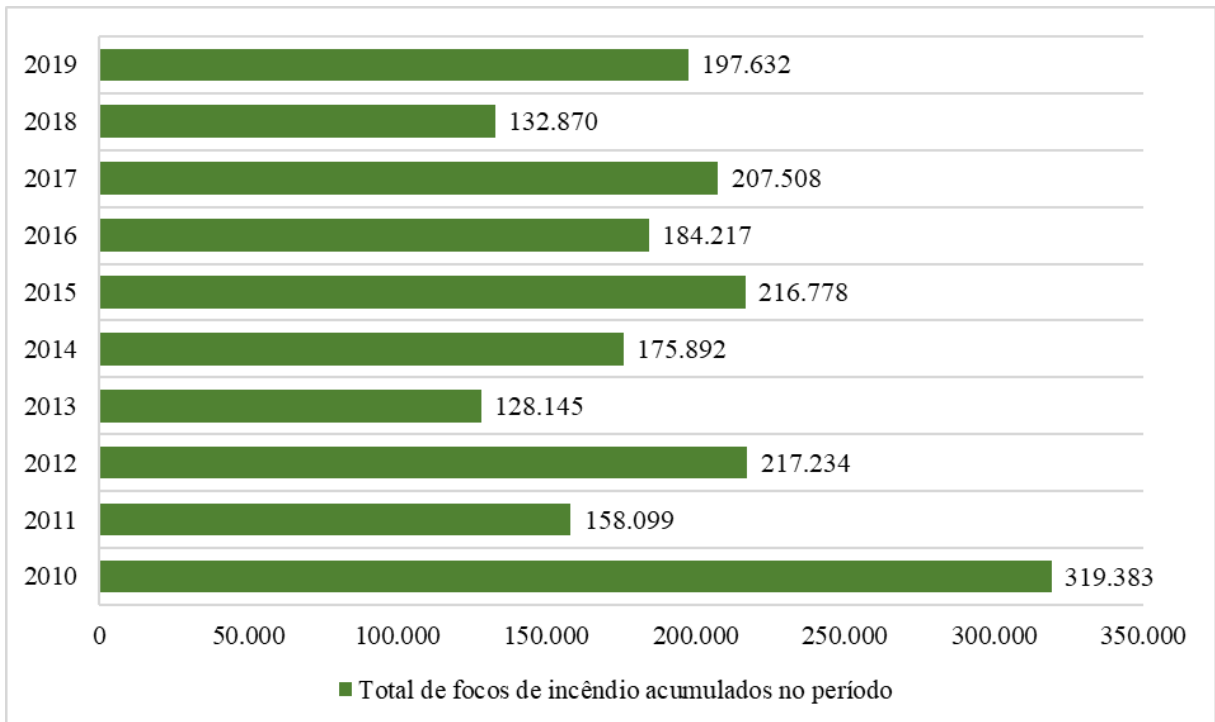
Fonte: Inpe

Como observado no gráfico, o bioma do Cerrado é onde mais se tem indícios de desmatamento no período analisado, chegando a um total bruto de 91.500 km², logo em seguida vem o bioma amazônico, no caso, está-se levando em conta a Amazônia Brasileira, com um total de 65.300 km², subseqüentemente tem-se a Caatinga, com aproximadamente 30.500 km², logo em seguida vem a Mata Atlântica com mais ou menos 14.600 km², seguido pelo Pampa Gaúcho com 11.692,5 km² e por último, fechando a lista, tem-se o Pantanal, com aproximadamente 5.367 km².

Toda essa área desmatada traz um prejuízo inimaginável para os ecossistemas regionais, e não só isso, podendo ter consequências nocivas para os seres humanos, à longo prazo. Por exemplo, a Amazônia é amplamente conhecida como o pulmão do mundo, sendo a maior floresta tropical do planeta, garantindo chuvas em boa parte da América do Sul, além de possuir um papel central no combate ao aquecimento global, lançando na atmosfera aproximadamente 20 bilhões de toneladas de vapor de água por dia.

Entretanto, não é apenas no desmatamento que o Brasil ganha destaque, quando o assunto é queimadas o país também ganha destaque. Não seria errôneo dizer que o Brasil, atualmente, é um dos países que mais queima suas florestas, em comparação ao resto do mundo.

GRÁFICO 02 – Total acumulado de focos de queimadas no Brasil



Fonte: Inpe

Pode-se observar no gráfico acima, 2010 foi o ano com mais focos de incêndios registrados no período analisado, seguido por 2012, 2015, 2017 e 2019 respectivamente. Um dado estatístico, é que em 2019, dos 197.632 focos de incêndios contabilizados, 123.326 focos foram registrados em apenas 3 biomas: Amazônia, Cerrado e Pantanal, com maior impacto nos dois primeiros. Inclusive, segundo relatórios do Inpe, nesse mesmo ano, o Brasil registrou aproximadamente 318 mil km² de área florestal queimada, sendo o maior do período 2010-2019.

Vale ressaltar que todos os dados apresentados nesse tópico, irão servir de subsídio inicial para a Análise de Conteúdo, explicada no item 2.2, localizado no tópico métodos e técnicas de pesquisa (tópico 2), lembrando que a leitura do jornal e a análise em si poderão ditar novos caminhos para seguir, com outros eventos e acontecimentos de cunho ambiental.

2. A COBERTURA JORNALÍSTICA:

2.1. A Construção da Notícia

Na década de 1970, o campo dos estudos jornalísticos experimentaria uma notável transformação, principalmente pela ascensão da abordagem construcionista, que se configurou como uma alternativa substancial à então predominante teoria do espelho⁶. A perspectiva construcionista concebe as notícias como construções interpretativas, estabelecendo, assim, uma perspectiva crítica e interpretativa da gênese e difusão das informações jornalísticas.

A teoria construcionista vê o jornalismo como um processo intrincado de moldagem da realidade, no qual as notícias são influenciadas pelas escolhas dos jornalistas, editores e proprietários de mídia, bem como pelas influências dos contextos sociais, culturais e políticos que permeiam o ambiente da redação. Essa abordagem reconhece o jornalismo como uma prática comunicativa que exerce influência na construção da realidade social por meio da linguagem, interpretação e enquadramento dos eventos, questionando a objetividade absoluta das notícias e enfatizando a importância de múltiplas perspectivas, dos valores dos jornalistas e do papel ativo da audiência na compreensão das notícias.

Segundo Traquina (2005a, p. 168-169), essa teoria vê as notícias como uma construção e argumenta que: 1) uma distinção clara entre a realidade e a mídia é impossível, já que a mídia reflete e constrói a realidade. 2) a linguagem não pode servir como um transmissor direto de eventos, uma que a neutralidade absoluta na linguagem é inatingível. 3) os meios de comunicação noticiosos estruturam sua própria representação dos eventos.

Enquanto na teoria construcionista as notícias são tratadas como “estórias”, no jornalismo geral, a notícia é tratada como “a matéria-prima do jornalismo”. Amaral (1969 apud Lage, 2001⁷), conceitua notícia como “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas”.

Dezenas de informações chegam diariamente às redações, e poucas dessas informações realmente viram notícias, sendo vinculadas e/ou publicadas, nesse sentido. Pena (2017, p.71) argumenta que “os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, tem critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos”.

⁶ A teoria do espelho entende que as notícias refletem a realidade, são um espelho da realidade.

⁷ AMARAL, Luís. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1969.

Pena (2017) destaca que a capacidade dos eventos se tornarem notícias ou não pode ser denominada de noticiabilidade, e essa medida pode ser avaliada por meio dos valores-notícia. Para Traquina (2005b):

[...] valor-notícia consiste na ideia de que logo que algum acontecimento ou assunto atinja os cabeçalhos e seja definido como ‘notícia’, então continuará a ser definido como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida. (TRAQUINA, 2005b, p.71)

Nesse contexto, o valor-notícia representa o acontecimento que, quando observado pela perspectiva do jornalista, adquire posição de notícia, ganhando visibilidade, e conseqüentemente, as manchetes. O processo de criação de notícias é um ciclo, que segue sempre o mesmo movimento, acontecimento gera uma notícia, mas uma notícia, também pode gerar um acontecimento.

Levando essa perspectiva em consideração, “o acontecimento jornalístico irrompe sem enxó aparente nem causa conhecida e é, por isso, notável, digno de ser registrado na memória” (RODRIGUES, 1993, p.27), ou em outras palavras, acontecimentos são um “imenso universo de matéria-prima” (TRAQUINA, 1993, p.28).

Sem dúvidas, não há um único tipo de acontecimento, mas uma diversidade deles, cada um com suas peculiaridades. Isso é especialmente relevante ao considerar o JA como ponto de partida. Moraes (2015) entende que acontecimento ambiental pode ser compreendido como um “fato relacionado ao ambiente que é publicado pelo jornalismo” (MORAES, 2015, p.88).

No tópico 1.1 fica destacado que o jornalismo ambiental, embora possua características próprias e distintas de outras especializações jornalísticas, ele adere aos princípios fundamentais do jornalismo convencional. Nesse sentido, é crucial ressaltar que os acontecimentos desempenham um papel de força motriz inegável no âmbito do jornalismo ambiental.

No jornalismo é comum ocorrerem extensas coberturas, geralmente concentradas em eventos específicos, como, por exemplo, um acontecimento relevante, uma catástrofe ambiental, ou a visita de dignitários internacionais. Nesse contexto, segundo Hannigan (2009), o meio ambiente tende a ganhar destaque na mídia em três casos específicos:

[...] um marco histórico (Dia da Terra, a reunião do Rio de Janeiro); às catástrofes (derramamento de petróleo, acidentes nucleares, incêndios tóxicos); e acontecimentos legais/administrativos (audiências parlamentares, julgamentos em tribunais, publicação de relatórios oficiais). (HANNIGAN, 2009, p.127-128)

Hannigan (1995) continua ressaltando que os eventos ambientais, com uma maior probabilidade de se tornarem notícias, são os catastróficos, por apresentarem uma probabilidade mais elevada de causar um impacto significativo no público leitor. Ele também observa que esses acontecimentos seguem um padrão cíclico, significando que, atualmente, um evento pode estar em destaque, mas em questão de dias, outro tomará o centro das atenções nos principais veículos de comunicação.

Nesse contexto, as fontes desempenham a função de comunicar essas narrativas aos profissionais da imprensa, como destacado por Nelson (1994). Isso sublinha a importância de jornalistas especializados em questões ambientais manterem um rol de peritos confiáveis, em virtude da profunda complexidade dos tópicos abordados na cobertura jornalística relacionada ao meio ambiente.

A melhor maneira de o jornalista ter certeza de que está fazendo uma cobertura que está fazendo uma cobertura confiável de um tópico complexo é checar as informações com o máximo de fontes possíveis. Algumas dessas fontes serão citadas, enquanto outras simplesmente - mas imprescindivelmente - fornecerão os conhecimentos básicos requeridos, assim como dicas e explicações. (NELSON, 1994, p.18)

Nelson (1994) prossegue sinalizando que muitas vezes os jornalistas acabam pegando fontes “emprestadas” de amigos, colegas e conhecidos. Universidades são bons lugares para procurar boas fontes de informação, departamentos públicos também. Entretanto, Nelson (1994) alerta que “se um cientista de renome não consegue explicar o assunto, procure alguém menos famoso com facilidade para explicar o tema” (NELSON, 1994, p.18)

“Boas fontes são extremamente valiosas. Após identificadas, devem ser mantidas” (NELSON, 1994, p.19), e para manter as fontes, Nelson sinaliza algumas formas de tratar as fontes corretamente, e conseqüentemente, facilitando a retenção de boas fontes. Mas sempre se deve lembrar que o jornalista deve manter a sua ética, e antes de tudo valorizar seu público, como o próprio Nelson salienta, “a primeira responsabilidade do jornalista é com os seus leitores ou sua audiência, não com as fontes” (NELSON, 1994, p.20). Schmitz (2011), divide as fontes de maneiras diferentes, com cada tipologia exercendo uma ação no contexto jornalístico.

TABELA 02 – Classificação das Fontes segundo Schmitz (2011)

Classe	Categoria	Grupo	Ação	Créditos	Qualificação
Classificação	Primária	Oficial	Ativa	Identificada	Confiável

	Secundária	Empresarial Institucional Individual Testemunhal Especialista Referencial	Proativa Passiva Reativa	Sigilosa	Fidedigna Duvidosa
--	------------	--	--------------------------------	----------	-----------------------

Fonte: Elaboração própria baseada em Schmitz (2011)

Conforme abordado previamente, o jornalismo ambiental desempenha um papel de significativa relevância tanto no cenário nacional quanto internacional. No entanto, é comum que ele seja subestimado e não atraia a devida atenção do público, e parte disso, é consequência da influência exercida pela própria mídia. Esse fenômeno pode ser analisado e explicado à luz da Teoria do Agendamento, ou teoria do Agenda-Setting.

A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos vinculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. (PENA, 2017, p. 142)

Neste contexto, conforme a Teoria do Agendamento, a mídia persuade de maneira indireta o que os telespectadores consomem, pensam e como se relacionam, e assim, acabam estabelecendo temas e questões que afetam a percepção pública e o comportamento, moldando assim as preferências e interesses do público.

A Teoria do Agendamento considera o jornalismo como um influenciador fundamental na formação da agenda pública. Em outras palavras, o jornalismo atua como um ator-chave na construção da agenda pública, determinando quais questões são destacadas e influenciando a opinião pública por meio da seleção e ênfase nas notícias.

Nesse contexto, então, o jornal agendaria o interesse do público, ou seja, por exemplo, se um jornal específico decide destacar a importância do jornalismo ambiental como um tema crucial, isso pode influenciar a percepção do público sobre este assunto. Com a repetição de determinados temas, os meios de comunicação podem moldar a opinião pública, podendo estimular o interesse e discussões em torno desses temas.

2.2. Correio do Povo

O Correio do Povo foi fundado pelo sergipano Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, em 1º de outubro de 1895, mais ou menos dois meses após o fim da Revolução Federalista⁸. A vontade de Caldas era que o CP fosse uma instituição apartidária, que possuía como princípios centrais um jornalismo “independente, nobre e forte”, e nunca se curvando a “influências secundárias”.

O Correio do Povo será noticioso, literário e comercial, e ocupar-se-á de todos os assuntos de interesse geral, obedecendo à feição característica dos jornais modernos e só subordinando os seus intuítos às inspirações do bem público e do dever inerente às funções da imprensa livre e independente. (Carta aos leitores presente na primeira edição do CP em 01/10/1895, capa do especial de 127 anos publicado em 01/10/2022)

O jornal manteve atividade ininterrupta até 16 de novembro de 1984, quando saiu de circulação, e só voltaria às bandas em maio de 1986, sob o comando do economista Renato Bastos Ribeiro. Posteriormente, em 2007, seria vendido para o Grupo Record, passando a utilizar a marca R7 em seus produtos. E falando em produtos, atualmente o CP atua tanto digitalmente quanto no impresso, na versão impressa, em 2022, o CP era o 5º jornal do país em número de assinantes, o que gira em torno de 59.228 pessoas⁹. Nesse período, o jornal, em sua versão impressa, está presente em aproximadamente 322 cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sua versão digital, em 2022, possuía aproximadamente 26 milhões de usuários, e mensalmente a plataforma é acessada mais de 9 milhões de vezes. Atualmente, o portal é acessado e lido nas mais variadas partes do país, notadamente o Rio Grande do Sul fica no topo da lista, seguido por São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro.

TABELA 03 – Estados que mais acessam o jornal Correio do Povo

Estados	Porcentagem de Acessos
Rio Grande do Sul	41%
São Paulo	17%
Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro	5%
Outros estados	37%

Fonte: Correio do Povo

⁸ Guerra Civil que ocorreu no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895, de um lado os federalistas que queriam mais autonomia estadual, enquanto do outro os republicanos desejavam manter o poder centralizado na república.

⁹ Na apresentação do jornal esse dado fica um pouco confuso, tendo em vista que, não explica se esse é o número total de assinantes que o jornal recebe por mês, ou se é o total absoluto de assinantes do jornal.

Ainda, segundo dados do CP, em sua plataforma digital, os leitores são em sua maioria homens, com mais ou menos 53% do público, as mulheres são aproximadamente 47% do público leitor.

A maior parcela dos leitores têm entre 18 e 34 anos, são mais de 41% dos leitores ativos, logo em seguida, vem o público com mais de 45 anos, que equivalem a 38%, e por último, leitores de 35 a 44 anos, que equivalem a 20% do público. E em média, cada usuário fica cerca de 05min14s no portal online do jornal. Todos os dados são do levantamento realizado pelo IVC, que posteriormente foram utilizados pelo CP em sua defesa comercial.

Desde sua fundação, o jornal orgulha-se de manter o “compromisso com a verdade”, que busca satisfazer seu público, dando sempre prioridade à notícia e não à vontade de terceiros.

Como já exemplificado em capítulos anteriores, as pautas ambientais, normalmente são relegadas a segundo plano, e no jornal Correio do Povo, como será que isso funciona? As pautas ambientais ganham ou não destaque?

O meio ambiente frequentemente entra em pauta nos mais variados veículos de comunicação, alguns jornais possuem espaços exclusivos destinados ao tema, enquanto outros, uma realidade um pouco mais dura é apresentada, onde matérias de cunho ambiental, tem que disputar o espaço com outras reportagens nas demais editorias dos jornais. Esse último é o caso do Correio do Povo, conforme observado por Massierer (2007):

No Correio do Povo, estão vinculadas à editoria geral as áreas de educação, jurídica, política, saúde, economia, meio ambiente e outros assuntos, incluindo atos administrativos públicos do Governo do Estado e da Prefeitura de Porto Alegre. Por outro lado, as editorias de rural, política, esportes, variedades e cidades são independentes e contam com equipes próprias”. (MASSIERER, 2007, p.60)

Massierer (2007), destaca também que assuntos ambientais têm espaço garantido quando se trata de acontecimentos de grande repercussão tanto internacional quanto local.

[...] a mídia também continua acompanhando eventos propostos por órgãos governamentais, universidades, movimentos sociais e ONGs com o intuito de despertar o interesse na sociedade pela preservação ambiental por meio de Semanas do Meio Ambiente, Semana da Água, Dia da Árvore, entre outros. (MASSIERER, 2007, p. 68)

Entretanto, nesse sentido, é sempre bom lembrar, que embora grandes acontecimentos ganhem muito mais espaço na cobertura, não são necessariamente os únicos, já que temas de menor impacto também podem ser encontrados em meio as editorias do CP.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para a realização plena desse trabalho, a ideia é ancorada no seguinte objetivo geral: analisar a cobertura do jornal Correio do Povo sobre acontecimentos ambientais entre 2010 e 2019, identificando como o jornal contribuiu para a disseminação de informações sobre questões ambientais. Subsequentemente, para alcançar esse objetivo, três especificidades são requeridas, sendo elas:

1. Discutir como o Jornalismo Ambiental pode colaborar na melhoria da cobertura de meio ambiente;
2. Analisar de qual maneira o jornal Correio do Povo noticiou e discutiu os principais temas ambientais da década de 2010;
3. Refletir sobre o papel do jornal Correio do Povo na cobertura ambiental da década.

Para que todos esses objetivos sejam alcançados, e conseqüentemente responda à questão principal da pesquisa¹⁰, serão necessários uma série de métodos e aplicações que facilitarão o desenvolvimento da pesquisa.

Dado o tom pretendido usar na pesquisa, a abordagem qualitativa foi entendida como sendo a mais adequada, levando em conta que, a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER, GASKELL, ALLUM, 2008, p.23), ou em outras palavras, a pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2007).

Para Minayo (2007), pesquisa qualitativa “realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, linguagem está que se constrói com ritmo próprio e particular” (MINAYO, 2007, p.26). Esse ritmo próprio que a autora menciona pode ser denominado como “ciclo de pesquisa”, esse ciclo seria “um peculiar processo de trabalho em espiral que começa com uma pergunta e termina com uma resposta ou produto que, por sua vez, dá origem a novas interrogações” (MINAYO, 2007, p.26). Com base nisso, a autora divide o processo de pesquisa qualitativa em 3 fases: fase exploratória, trabalho de campo e por fim análise dos dados coletados anteriormente. Todas essas três fases conduzem “a uma busca da lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando” (MINAYO, 2007, p.27).

A pesquisa qualitativa, permite uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos fenômenos que o trabalho se propõe estudar, facilitando na captura do contexto social,

¹⁰ **Problema de Pesquisa:** Como o jornal Correio do Povo abordou e discutiu as questões ambientais que moldaram a década de 2010 no Brasil?

político e cultural que se gera na cobertura jornalística de pautas ambientais. Facilitando a melhoria prática proposta no objetivo específico 1, sendo valiosa para identificar áreas com problemas, contribuindo assim para gerar práticas mais eficazes e éticas no JA.

Essa pesquisa possui uma natureza aplicada, ou seja, “concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais” (FLEURY e WERLANG, 2016, p.02). Além de estar “empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções” (FLEURY e WERLANG, 2016, p.02). Como já especificado nos parágrafos anteriores, primeiramente, precisa-se encontrar onde está o problema, e se esse problema existe, depois consertá-lo, ou seja, para que o objetivo específico número 1 seja plenamente desenvolvido será necessária uma extensa observação do jornal.

Até esse ponto, o objetivo específico número 1 é o que possui mais possibilidades de ser esclarecido, dando sequência a isso, como pesquisa caracterizada como descritiva, esse é o ponto de virada para esclarecer os objetivos específicos 2 e 3, e o objetivo geral.

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Serão inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas estão na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e observação sistêmica. (GIL, 2002, p.01)

O foco da pesquisa é analisar a cobertura do jornal Correio do Povo sobre acontecimentos ambientais que ocorreram entre 2010 e 2019, isso implica, na descrição de como esses eventos foram cobertos pelo jornal, tentando entender não só o que foi noticiado, mas como foi noticiado.

Ao propor a análise de qual forma o jornal noticiou e discutiu os principais temas ambientais da década de 2010 (objetivo específico n.º 2), isso precisa de padrões e características recorrentes na cobertura do jornal, essa identificação e descrição de padrões contribui para a natureza descritiva da pesquisa.

A pesquisa descritiva pode auxiliar também na resolução do objetivo número 3, uma vez que, através da mesma é possível coletar dados qualitativos sobre a frequência e a natureza da cobertura ambiental do jornal, incluindo o número de matérias publicadas, os temas abordados, as fontes citadas, e o espaço dedicado a diferentes questões ambientais. Essa abordagem permite uma análise mais estruturada e uma comparação ao longo do tempo, identificando tendências, lacunas e possíveis vieses na cobertura jornalística, contribuindo assim para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel do Correio do Povo na narrativa

ambiental da década.

Agora, quanto aos procedimentos de pesquisa, serão utilizados essencialmente dois tipos: pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo.

Primeiramente, pesquisa bibliográfica, em um sentido mais amplo, Stumpf (2005) sinaliza que pesquisa bibliográfica “é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa, que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia, pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado”. (STUMPF, 2005, p. 51), enquanto em um sentido mais restrito:

[...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2005, p.51)

Stumpf (2005) sinaliza ainda os passos para fazer pesquisa bibliográfica: 1) identificação do tema e assuntos, 2) seleção de fontes (bibliografias especializadas, índices de resumos, catálogos, etc.), 3) localização e obtenção do material e 4) leitura e transcrição dos dados.

Ao propor analisar a cobertura do jornal Correio do Povo sobre acontecimentos ambientais entre 2010 e 2019, é preciso entender o jornalismo ambiental de um contexto mais amplo, e a pesquisa bibliográfica permite esse aprofundamento através de suas mais diversas fontes.

Como o jornalismo ambiental pode colaborar na melhoria da cobertura do meio ambiente, isso envolve uma série de conceitos, teorias, e abordagens tanto em relação ao meio ambiente, quanto ao jornalismo, e através da bibliografia, cria-se uma base sólida para dar fundamentação a discussão proposta.

Prosseguindo, dada a sua caracterização documental, a análise de conteúdo torna-se o método mais adequado para o prosseguimento da pesquisa. Análise de Conteúdo, de uma maneira mais ampla, “se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. (JÚNIOR, 2005, p. 280). Para Bardin (2011), análise de conteúdo “é um método muito empírico” (BARDIN, 2011, p. 36), que depende muito do “tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (BARDIN, 2011, p. 36).

O autor prossegue que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 37), não se tratando de um mero instrumento de pesquisa, mas sim de amplo “leque de apetrechos”, ou em outras palavras, “será um único instrumento,

mas marcado por uma grande disparidade formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. (BARDIN, 2011, p.37).

Como já se pode notar, a análise de conteúdo pode ser uma boa aliada para alcançar determinados objetivos, e nesse trabalho, não é diferente. Nesse sentido, então, a análise das matérias feitas pelo correio do povo entre 2010 e 2019 se baseará no seguinte esquema:

TABELA 04 – Distribuição e Organização da Análise de Conteúdo

Análise de Conteúdo	De que forma será abordado
Temas recorrentes/ áreas com maior destaque	<ul style="list-style-type: none"> ● Quais os temas mais abordados? ● Qual é a frequência em que esses temas aparecem?
Abordagem Geográfica	<p>Mapeamento das coberturas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Quais as regiões do estado que ganham mais atenção? ● Mais foco nacional ou internacional? ● Quais partes do país são mais destacáveis nas coberturas?
Identificação de áreas temáticas que ganham mais destaque	<p>Adequa-se os três tipos de cobertura ambiental de John Hannigan:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Desastres; 2. Acontecimentos jurídico-administrativos; 3. Marcos históricos;
Fontes	<p>Análise das fontes usadas para a composição das matérias:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Quais são as fontes mais usadas? ● Existe uma padronização?
Análise Temporal	<p>Levantamento de tempo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Quantas vezes determinados temas se repetiram? ● Temas que ganharam coberturas longas, persistindo por diversos dias.
Padrões Editoriais	<ul style="list-style-type: none"> ● Há destaques para as matérias ambientais? (localização na página, uso de foto/ilustração, chamada na capa, etc.);

	<ul style="list-style-type: none">● Quantas vezes uma matéria do tipo foi na primeira página?● O Jornal possui um caderno próprio para meio ambiente, ou as matérias são diluídas entre os outros cadernos?● Houve coberturas especiais/suítes? Em que situações?
--	---

Fonte: elaboração própria, baseado em Bardin (2011)

Conforme já previamente destacado, essa tabela servirá de norteamento para a análise de conteúdo, facilitando assim sua organização e posterior classificação.

4. COBERTURA AMBIENTAL NO CORREIO DO POVO

4.1. Coleta e Organização dos Dados

Após a revisão metodológica e bibliográfica, passou-se para a coleta dos dados que seriam a base da pesquisa, para isso, através da plataforma online do CP¹¹, consultando seu acervo, foi feito o download em PDF de todas as edições do jornal correspondente ao período de 02 de janeiro de 2010 até 31 de dezembro de 2019¹².

Feito esse processo, foi então feita a separação dos conteúdos, sendo assim, foram criadas 9 planilhas, cada uma relacionada a um dos anos correspondentes da pesquisa, e uma 10ª planilha, para conter os dados gerais e acumulados de todos os anos.

Nessa primeira fase, nenhuma regra em específico foi adotada, sendo de cunho ambiental, estava contando. Passada essa separação, foi feita uma leitura criteriosa de todas as notícias e reportagens colhidas, amparando-se a partir desse momento em uma série de regras, que facilitariam o bom funcionamento da pesquisa, além de facilitar a consequente organização dos dados.

- **Cadernos de temporada:** Foi decidido pela desconsideração dos cadernos de temporada do jornal, como por exemplo, o caderno de verão. Essa decisão foi tomada, tendo em vista que são conteúdos passageiros, o que poderia comprometer a colheita de dados vinculados aos padrões editoriais, além de acabar confundindo os leitores da pesquisa.
- **Cadernos de Esporte e Rural:** Embora frequentemente associada ao meio ambiente, a decisão de ignorar essa editoria foi tomada após perceber que a pesquisa estava se tornando ampla demais, desviando-se da ideia original. A relação entre esportes e meio ambiente é mínima, com menções esporádicas e pouco aprofundamento. Além desses motivos, a necessidade de manter o foco no tema central e a desconexão dessas editorias com o restante da pesquisa justificaram sua exclusão. Analisar essas editorias separadamente seria necessário para que fizessem sentido no contexto geral da pesquisa. Os demais cadernos foram considerados.

Feito esse processo, começou-se a separar as matérias selecionadas em categorias específicas utilizadas durante a pesquisa:

- **Hannigan:** acontecimentos jurídicos e/ou administrativos, desastres ou catástrofes e datas comemorativas e/ou históricas;

¹¹ <https://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?flip=acervo>

¹² O CP tradicionalmente não tem edição no 1º dia do ano, passando a contar a partir do dia 02.

- **Análise temporal:** grandes coberturas e temas recorrentes;
- **Abordagem Geográfica:** cobertura internacional e cobertura nacional (cidades e regiões do estado, estados com mais destaque, cidades brasileiras que mais aparecem);
- **Fontes** - Categoria (primária e secundária), grupo (oficial, empresarial, institucional, individual, especializada, referência e testemunhal), ação (ativa, proativa, passiva e reativa), créditos (identificada e sigilosa) e qualificação (confiável, fidedigna e duvidosa);
- **Padrões Editoriais** - Editorias, 1ª página, reportagens especiais, saldo, posicionamento do jornal, jornalistas e especiais de domingo.

Cabe a lembrança de que conforme os tópicos em específico forem sendo desenvolvidos, as regras e modos de pesquisa serão melhor desenvolvidos e exemplificados.

4.2. Análise de Conteúdo

Antes de iniciar a análise de conteúdo propriamente dita, é importante destacar um detalhe que teve um impacto direto nos resultados desta pesquisa.

Pode não parecer, mas o projeto editorial e gráfico influenciou significativamente os resultados finais obtidos. Durante o período de pesquisa, houve diversas atualizações editoriais no jornal; entretanto, consideramos duas principais.

Na Imagem 01, é possível identificar a primeira mudança significativa, realizada durante o período de pesquisa. Nesta fase, a alteração mais notável foi o aumento do texto e a inserção de cores no miolo do jornal, visível na comparação entre a primeira e a segunda imagem. Essa mudança editorial se destaca por iniciar a redução do número de matérias por publicação, o que, no futuro, se tornaria ainda mais pronunciado, dando mais espaço à publicidade e às notícias mais urgentes. Anteriormente, as matérias urgentes já possuíam destaque, mas dividiam espaço com pautas frias, algo que começou a ser deixado de lado.

Nesse contexto, as notícias ambientais passaram a ser ainda mais marginalizadas. Se antes já eram difíceis de encontrar, a partir desse momento, a dificuldade aumentou, considerando que o Correio do Povo não possui uma editoria exclusiva para meio ambiente, fazendo com que as matérias ficassem diluídas entre outras.

FIGURA 01 – CP em novembro de 2010



Fonte: Correio do Povo. Edição: 20 de novembro de 2010

A segunda mudança ocorreu em 2016, quando o jornal passou a ter uma edição especial aos domingos, onde reportagens e entrevistas ganharam mais espaço em meio às notícias do dia a dia. Neste momento, também houve um corte significativo no número de páginas do jornal, que passou de 32 para 24.

Essa segunda mudança editorial não só reduziu o número de páginas como também modificou o foco da edição semanal, privilegiando assuntos em voga no momento e reservando pautas frias para o suplemento +Domingo.

FIGURA 02 – CP em novembro de 2016



Fonte: Correio do Povo. Edição: 06 de novembro de 2016

Como mencionado anteriormente, essas mudanças impactaram significativamente o número total de matérias. Ao longo de dez anos de dados colhidos, aproximadamente 3.643 edições do jornal Correio do Povo foram estudadas, com mais de 3 mil matérias inicialmente, que posteriormente foram reduzidas para 2.623 matérias. É importante ressaltar que todo esse

processo foi feito manualmente, o que pode ter resultado na exclusão de algumas matérias, mesmo com as revisões. A partir da separação, contagem e categorização, as matérias foram organizadas por dias, meses e anos, resultando no seguinte esquema total de matérias analisadas.

O ano de 2010 registrou o maior número de notícias relacionadas ao meio ambiente, com 466 matérias ao longo do ano. Com o passar dos anos, esse número foi reduzindo, chegando a 200 notícias acumuladas em 2019, uma queda de aproximadamente 57%. Vale lembrar que, em todos os anos estudados, ocorreram cataclismas climáticos, o que aumentou a quantidade de matérias devido à maior demanda por informações.

TABELA 05 – Total de matérias ambientais entre 2010 e 2019

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Total	466	338	298	279	279	233	201	178	151	200

Fonte: Elaboração própria, baseado em dados colhidos no jornal Correio do Povo

Essas diferenças são interessantes de observar, especialmente a drástica queda de 2016 para 2018, seguida por um aumento em 2019. Esses altos e baixos podem ser explicados por alguns fatores, entre eles estão: fatores editoriais (já mencionados anteriormente), fatores político-econômicos, e também, a própria ocorrência de acontecimentos que chamem a atenção o bastante para virar notícia.

Para estipular a média diária, foi utilizada a seguinte fórmula: $média\ diária = \left(\frac{total\ de\ incidentes}{número\ total\ de\ dias}\right)$. Com base nisso, chegou-se ao resultado de 0,718. Entretanto, é importante lembrar que existem semanas em que não houve nenhuma reportagem ou notícia, ou dias em que tradicionalmente não há edições do jornal, como 1º de janeiro e 25 de dezembro, assim como dias em que há mais de uma matéria.

4.2.1. Correio do Povo: Teoria de John Hannigan (2009)

Em seu livro “Sociologia Ambiental” (2009), o sociólogo John Hannigan traz algumas provocações em relação a cobertura jornalística do meio ambiente, e mais proeminente, é que segundo ele a natureza ganha destaque em três casos distintos:

[...] um marco histórico (Dia da Terra, a reunião do Rio de Janeiro); às catástrofes (derramamento de petróleo, acidentes nucleares, incêndios tóxicos); e acontecimentos legais/administrativos (audiências parlamentares, julgamentos em tribunais, publicação de relatórios oficiais). (HANNIGAN, 2009, p.127-128)

Muitos pesquisadores utilizam a teoria de Hannigan aplicada à teoria do acontecimento jornalístico, e neste trabalho a perspectiva será a mesma. Isso porque analisar apenas a notícia poderia ocasionar falhas na pesquisa, ainda mais considerando que uma notícia é gerada a partir de um acontecimento prévio.

A partir dessa premissa, a teoria foi aplicada ao jornal Correio do Povo, com o objetivo de estabelecer uma base para o enquadramento do tipo de conteúdo ambiental apresentado pelo jornal. Evidentemente, essa não será a única abordagem, mas servirá como uma boa base para o prosseguimento da pesquisa. Para essa aplicação, uma série de perguntas foi elaborada visando um melhor aproveitamento dos dados obtidos:

- Qual das três divisões possui mais matérias? Qual a porcentagem de cada?
- Qual delas recebe mais destaque no jornal?
- Existe algum motivo externo para alguma dessas divisões ter preferência, ou é apenas acaso?
- Se esse motivo existe, como ele poderia ser explicado?

Com base nessas perguntas, foram realizadas algumas divisões, de acordo com as categorizações propostas por Hannigan (2009). Observou-se durante a pesquisa que, embora essas categorias sejam generalistas, elas podem limitar a separação. Por isso, a tabela abaixo foi organizada de maneira a torná-la mais ampla e abrangente, incorporando um maior número de matérias e evitando eventuais confusões.

TABELA 06 – Divisão da teoria de Hannigan (2009)

Categoria		Conceito	Aplicação no trabalho
Desastres	Naturais	“[...] são aqueles causados por fenômenos e desequilíbrios da natureza que atuam independentemente da ação humana. Em geral, considera-se como desastre natural todo aquele que tem como gênese um fenômeno natural de grande intensidade, agravado ou não pela atividade humana”. (TOMINAGA, 2009, p. 14)	<ul style="list-style-type: none"> • Tsunamis; • Vulcanismo; • Terremotos • Enchentes; • Tornados; • Furacões; • Ciclones; • Entre outros;

	Interferência Humana	<p>“[...] são aqueles resultantes de ações ou omissões humanas e estão relacionados com as atividades do homem, como agente ou autor”. (TOMINAGA, 2009, p. 14)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contaminação de rios; - Acidentes nucleares; - Derramamento de petróleo; - Gestão irregular dos recursos hídricos; - Entre outros.
Histórico		<p>Um acontecimento histórico, é praticamente um catálogo infinito de informações, sobre a humanidade, nesse sentido aqui, sobre o meio ambiente.</p>	<p>No trabalho, essa parte da teoria foi aplicada em matérias que tenham, a única e exclusiva de relembrar algo.</p> <p>Outro fator, são anúncios de encontros da ONU para o meio ambiente, esses foram considerados, porém, o decorrer da reunião, foi categorizado como acontecimento jurídico.</p>
Jurídico		<p>É um acontecimento jurídico, toda e qualquer ação vinculada ao meio ambiente, que em determinado momento venha a ter envolvimento com o meio jurídico, por meio de processos, ou votações de Projetos de lei.</p>	<p>Neste trabalho foram tratados os seguintes casos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tráfico de animais silvestres; - Votação de projetos de lei; - Aprovação de PECs; - Crimes ambientais no geral; - Ações voltadas à preservação; - Ações de educação ambiental; - Entre outros...

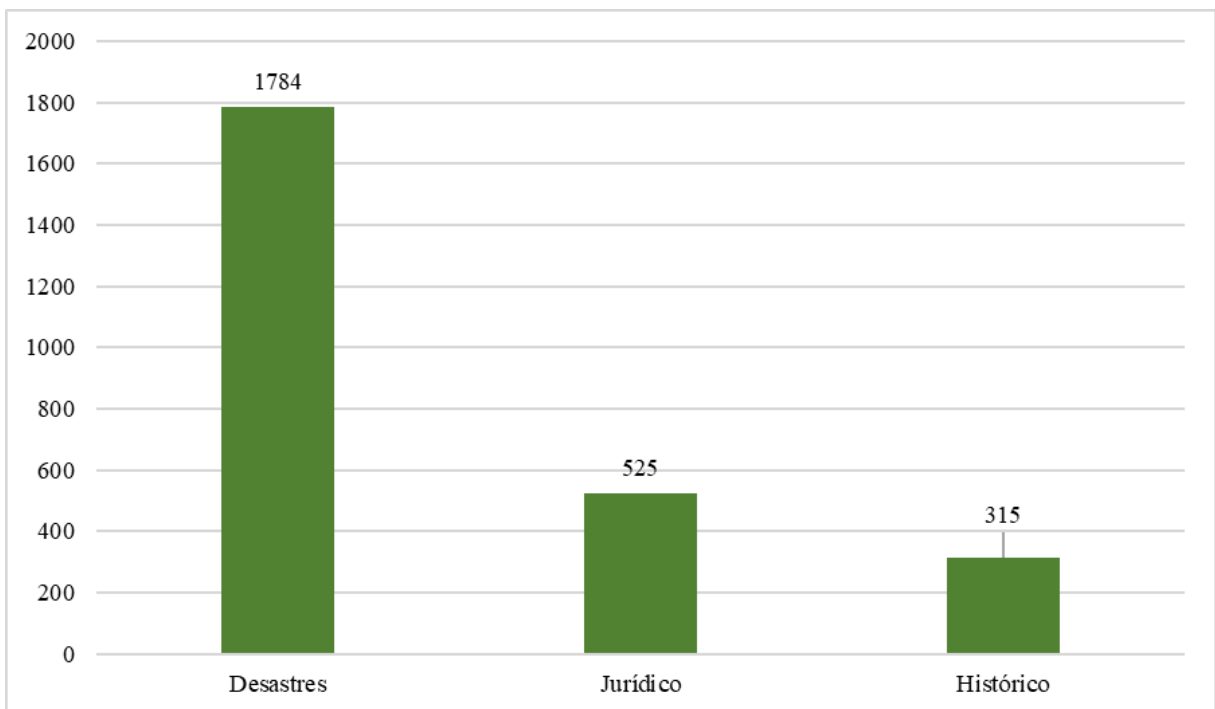
Fonte: elaboração própria baseado em Hannigan (2009)

Todas essas categorias facilitaram a organização das matérias, o que depois facilitou a contagem, óbvio que existem casos em que foi necessário ver o cenário todo, por exemplo, o acidente nuclear de Fukushima, no Japão em 2011, tendo em vista que o acidente não foi por causas humanas, mas sim em virtude do terremoto seguido por um tsunami que atingiu o país.

Ainda no campo de observação, pode-se notar que essas categorias se manifestam de maneiras distintas no jornal Correio do Povo. Isso levou ao entendimento de que nem sempre o acontecimento e a notícia serão enquadrados na mesma categoria. Por exemplo, um acontecimento jurídico, pode ser transmitido através de matérias com viés mais histórico, trazendo situações históricas que ilustram o acontecimento. Ou mesmo casos em que um desastre ambiental, pode desaguar em matéria de cunho jurídico. Isso depende muito, sendo bastante variável, e constantemente aparecendo no CP.

Abaixo encontra-se uma tabela onde pode ser observado o número anual em cada uma das categorias:

GRÁFICO 03 – Teoria de Hannigan aplicada ao CP



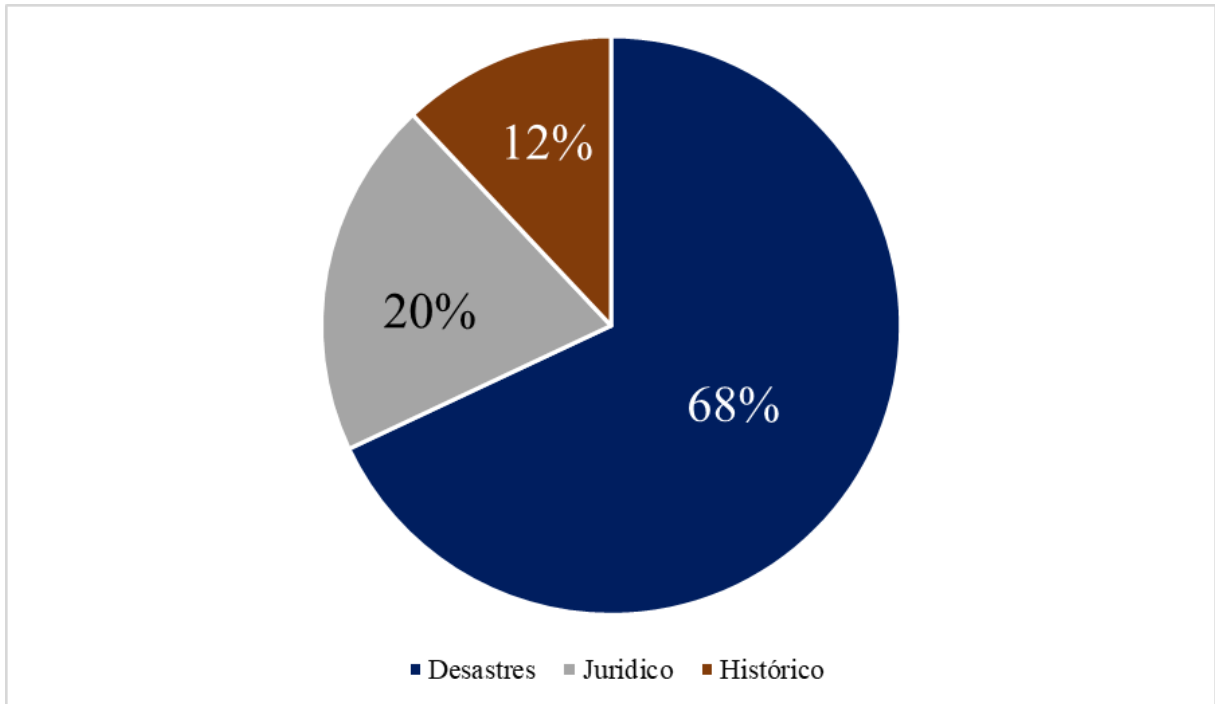
Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo

Como é possível observar, de longe os desastres são os que possuem maior recorrência na cobertura, lembrando que dessas 1.784 matérias, aproximadamente 62% são causadas por fenômenos naturais, chuvas, tornados, terremotos, ciclones, etc.... Os outros 38% são causados por seres humanos, poluição, desmatamento, incêndios criminosos, derramamentos de petróleo, etc.

Se for levando em conta os dados apresentados no gráfico acima, e for aplicado uma equação básica de porcentagem, seguindo o seguinte método:

$(\frac{\text{número total de matérias por categoria}}{\text{número total de matérias}}) \times 100$. Pode-se chegar nas seguintes porcentagens:

GRÁFICO 04 – Porcentagem por categoria da teoria de Hannigan (2009)



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo

Como já destacado, os acontecimentos catastróficos são os mais destacáveis, o motivo disso, é um pouco mais complexo. Mas isso pode ser explicado através de alguns pontos que foram analisados e percebidos durante a pesquisa.

Uma das possíveis explicações para essa tendência do jornal em noticiar mais desastres são os critérios de noticiabilidade. Segundo Moraes (2015), a noticiabilidade nada mais é do que uma série de critérios adotados pelos jornais para decidir o que será ou não noticiado. A pesquisadora prossegue sinalizando que:

Os valores-notícia citados por Galtung e Ruge, em seu estudo pioneiro foram: proximidade; momento do acontecimento; significância; proeminência social dos sujeitos envolvidos; proeminência das nações envolvidas nas notícias; consonância; imprevisibilidade; continuidade; composição; negatividade. (MORAES, 2015, p. 82)

Na pesquisa, foi observado que a tendência natural do ser humano é ficar impressionado com tragédias, o que invariavelmente atrai sua atenção. Um acontecimento que quebra a normalidade, como um tsunami, atrai a atenção mundial devido à sua natureza destruidora e ao grande número de perdas humanas e materiais. Desastres, por definirem uma

quebra na normalidade, se destacam por fatores como imprevisibilidade, negatividade, atualidade, entre outros acabam gerando o impacto necessário para se tornarem notícia.

Aplicando essa visão a acontecimentos ambientais com viés histórico ou jurídico, observa-se que o leitor tende a dar mais atenção ao que ocorre em seu próprio país. Por exemplo, é improvável que um brasileiro se interesse pela lei ambiental sueca. Esse fenômeno pode ocorrer pelo fator de proximidade: quanto mais próximo da realidade do leitor, mais atenção ele dará. Algo que por incrível que pareça parece ir na direção contrária quando o assunto são acontecimentos históricos onde a premência e importância da notícia parecem ganhar mais importância para o leitor.

Independentemente do fator por trás da noticiabilidade, é interessante observar que existem várias formas capazes de explicar ou complementar esse fenômeno. A Teoria de Hannigan é particularmente interessante, pois postula que acontecimentos ambientais aparecem no jornalismo em três casos específicos. Embora não seja possível determinar se os jornais aplicam essa métrica conscientemente ou não, a análise sugere que sim, talvez de forma inconsciente, mas sim.

Em suma, os critérios de noticiabilidade ajudam a explicar por que desastres atraem tanta atenção da mídia e do público, refletindo uma complexa interação entre fatores psicológicos e jornalísticos.

4.2.2. Análise Temporal

A década estudada nessa pesquisa, é facilmente conceituada como uma década de extremos, desastres climáticos, um acidente nuclear, dois acidentes ambientais sem precedentes. De fato, uma década de extremos, no Brasil, é bem fácil fazer uma lista de acontecimentos que pautaram a mídia e estremeceram o meio ambiente.

No contexto brasileiro, os acontecimentos ambientais que mais ganharam destaque no Correio do Povo foram quatro, a saber: os deslizamentos em Angra dos Reis (2010), os deslizamentos na região Serrana do Rio de Janeiro (2011), o rompimento da barragem em Mariana (2015) e o rompimento da barragem de Brumadinho (2019). Outros eventos também se tornaram manchetes, como a Rio+20 e as Conferências das Partes (COPs), mas os desastres se destacaram por suas coberturas longas e abrangentes.

Internacionalmente, dois cataclismos receberam maior atenção: o terremoto no Haiti (2010) e o terremoto seguido de tsunami e acidente nuclear em Fukushima, Japão (2011). Este

último recebeu uma mega cobertura, especialmente na época, quando o mundo temia a possibilidade de um novo desastre semelhante ao acidente nuclear de Chernobyl¹³ (1986).

Alguns assuntos são cíclicos, outros perduram por dias, meses até mesmo anos, coberturas jornalísticas tendem a serem alimentadas conforme novas informações são descobertas. Esses assuntos, que são a base da notícia, vão desde uma ação ambiental em uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, até uma erupção vulcânica em outro continente.

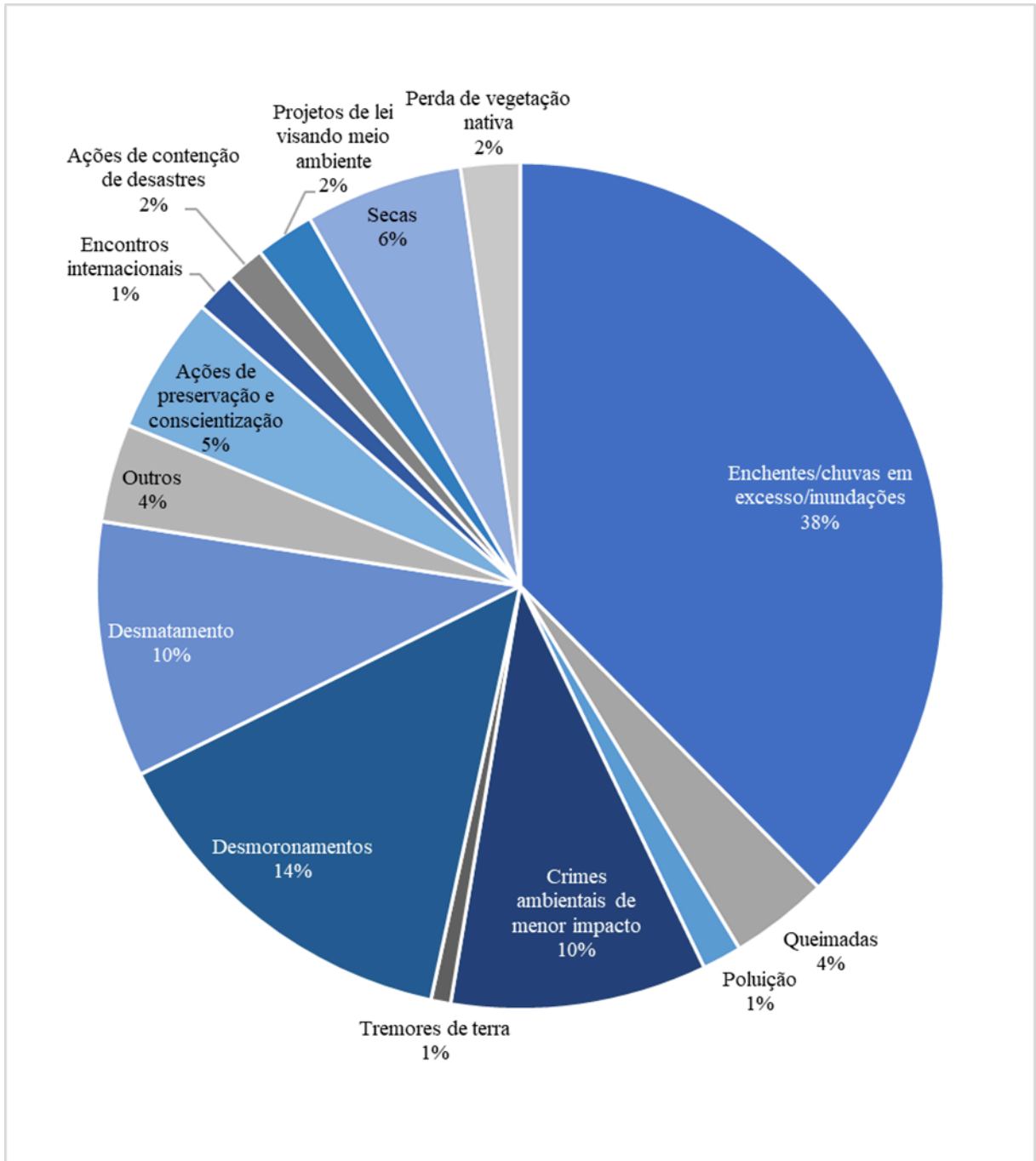
Nas coberturas nacionais, assuntos das mais diversas naturezas relacionadas ao meio ambiente aparecem, desde programas que fomentam a educação e conscientização ambiental em escolas, igrejas, entre outros. Até coberturas mais longas como vistas à cima, como Brumadinho e Mariana, dois acontecimentos que impactaram o Brasil inteiro.

Coberturas sobre crimes ambientais, acontecem em menor escala, alguns casos nem chegam a ser noticiados, queimadas e desmatamento (ambos crimes ambientais, mas de impacto mais significativo, por isso estão sendo tratados separadamente) também raramente ganham espaços nas manchetes.

Poluição e legislação ambiental também raramente aparecem, e quando aparecem é bem discreto. Legislação ambiental é um caso interessante, pois, normalmente a notícia não foca no acontecimento, por exemplo, a mudança da legislação ambiental gaúcha, mas sim, traz um viés mais político para a notícia, o que acaba desviando o foco, isso estende-se a qualquer esfera, seja municipal, estadual ou federal. No gráfico 05, estão percentualmente separados temas que mais aparecem na cobertura ambiental feita pelo jornal, em contexto nacional. Essas porcentagens levam o período estudado em questão.

GRÁFICO 05 – Tipos de acontecimentos que mais ganham destaque no Brasil

¹³ Ocorrido em 26 de abril de 1986, o acidente nuclear na usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, então parte da União Soviética, se originou após uma explosão no reator 4 da usina, liberando grandes quantidades de radiação na atmosfera, causando inúmeras mortes imediatas e doenças de radiação a longo prazo, além de contaminação ambiental extensa e evacuação de áreas ao redor, até hoje a área permanece inabitada e deverá permanecer assim por pelo menos mais 10 mil anos. Atualmente é tido como possivelmente o pior acidente nuclear da história.

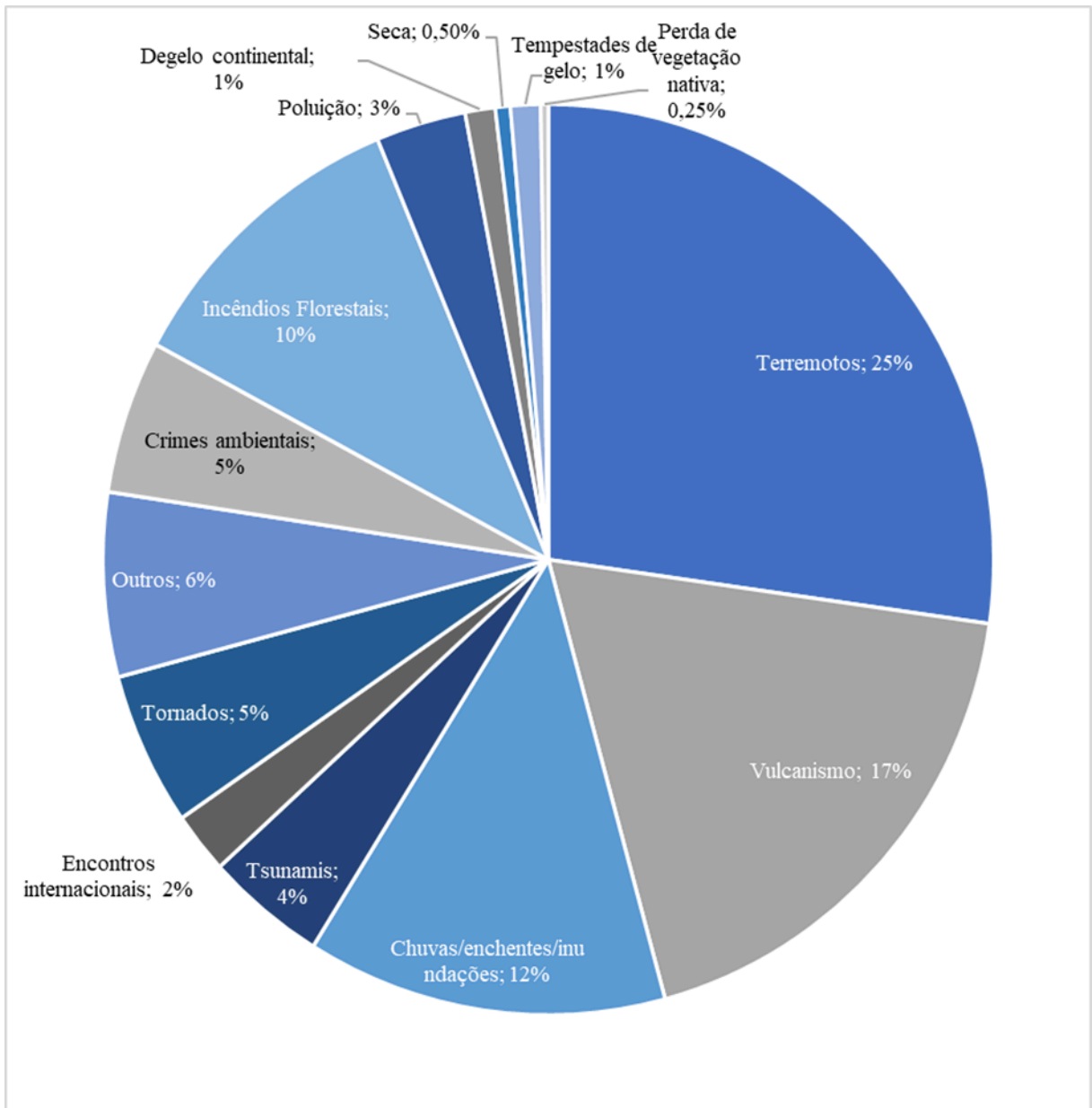


Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo

Como é possível observar no gráfico 05, acontecimentos que possuam um cunho de desastre tendem a ter a maior porcentagem, isso já foi mencionado no tópico 4.2.1, mas é interessante observar como mesmo em categorias separadas, as ações se mesclam entre si.

Já no gráfico 06, o contexto internacional ganha destaque, e novamente o mesmo padrão, só que com tópicos e assuntos diferentes dos tratados sobre o Brasil.

GRÁFICO 06 – Tipos de acontecimentos que mais ganham destaque internacionalmente



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo.

Vulcanismo e terremotos foram de longe os tópicos que mais apareceram no âmbito internacional, isso se dá pela complexa geografia do planeta, que proporciona diferentes cenários em diferentes partes do mundo, mas como já alertado, novamente, os desastres ocupam o top 3 de temas que mais apareceram na cobertura.

4.2.3. Análise Geográfica

No aspecto geográfico, alguns jornais tendem a dar preferência às coberturas locais, pois isso facilita o deslocamento de jornalistas, equipamentos, enfim, por vários motivos. E

também, torna o jornal menos dependente de fontes externas, por exemplo, governos internacionais, veículos de imprensa de outros estados e assim sucessivamente.

A maioria das notícias produzidas pelo CP concentram-se no Brasil, e principalmente no Rio Grande do Sul, dando preferência à Região Metropolitana de Porto Alegre. Mas isso não significa que outros lugares não ganhem destaque, mas é mais reduzido.

Quanto à cobertura ambiental, não seria errôneo dizer que mais de 70% da cobertura resume-se ao Brasil, com destaque à região Sul, englobando seus três estados. A cobertura internacional é bem mais discreta, isso também tem a ver com o tamanho da editoria, que é bem menor em relação às outras, e várias informações são jogadas ali, e as de meio ambiente acabam se misturando, algo que acaba se estendendo para as demais editorias.

Conforme já falado, a região metropolitana é a que mais aparece, Porto Alegre é a mais destacável, tendo em vista que boa parte, ou todas as ações desenvolvidas pela prefeitura e/ou órgãos do estado visando o meio ambiente são destacadas, com atenção maior ainda para a poluição no Guaíba, e durante o período estudado, vários casos de mortandade de peixes no Arroio Dilúvio.

Para as demais regiões do estado a atenção é mais simplificada, focada normalmente em coberturas de enchentes, alagamentos, chuvas anormais, alguma ação específica do Ibama e/ou Fepam, ou em alguns casos ações de preservação e conscientização ambiental realizada por escolas.

O Rio Grande do Sul, é propriamente o centro das coberturas ambientais, o resto do Brasil recebe atenção em situações específicas, como por exemplo, casos de contaminação ambiental, crimes ambientais de menor impacto (tráfico de animais silvestre, por exemplo). Assuntos mais sensíveis não foram muito abordados, por exemplo, queimadas, desmatamento, esses assuntos ganham bem pouco espaço, quase nenhum, na verdade.

As capitais são as mais destacadas na cobertura, com algum assunto relacionado à poluição excessiva. Dentre as capitais brasileiras, saindo da região Sul, as que mais aparecem são Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, muitas cidades obtêm a atenção em períodos de tragédia, como por exemplo, Mariana e Brumadinho, ambas ganhando coberturas extensas, mas novamente focado no acontecimento central, não nos acontecimentos anteriores, e quiçá posteriores.

Dentre os biomas brasileiros, destaques na cobertura, em 1º lugar, fica o bioma Pampa, seguido por Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e por fim, a Caatinga.

Internacionalmente falando, apenas acontecimentos ambientais de muito impacto aparecem, erupções vulcânicas, tsunamis, terremotos são os assuntos que dominam a editoria internacional.

Nesse contexto aqui, aparece algo bem interessante, raras vezes o nome da cidade do acontecimento é mencionado, mas sim, a capital do país, o que pode levar o leitor à erroneamente acreditar que realmente o acontecimento foi na capital, sendo que muitas vezes, nem próximo a capital a cidade fica. Convenções internacionais relacionadas ao clima também ganham uma cobertura, só que normalmente pequena, com uma ou duas matérias, explicando o contexto, e por fim principais desdobramentos.

Países como Estados Unidos, Indonésia e Japão, são os países mais registrados, isso devido a uma série de fatores, os Estados Unidos tem uma longa temporada de temporais, tornados e tempestades, e o que faz com que o país sempre esteja presente na cobertura. Indonésia e Japão contam com um componente externo bem poderosa chamado de Círculo de Fogo do Pacífico¹⁴, ambos países estão inseridos nesse círculo, conhecido pela atividade vulcânica e grande quantidade de terremotos, o que invariavelmente acaba aumentando as chances de tsunamis e terremotos de grandes e pequenas dimensões.

Em resumo, a cobertura ambiental do CP é focada no território nacional, dando maior atenção para a região Sul e, nesta, sobressai o Rio Grande do Sul, onde o jornal está localizado. A cobertura internacional dá preferência a acontecimentos de grande impacto, mais focada em tragédias ou reuniões de chefes de estado e da ONU, que tenham o meio ambiente como plano de fundo.

Um exemplo sólido disso é a Rio+20, realizada no Brasil entre 13 e 22 de junho de 2012, reunindo chefes de estado de todo o planeta, e que contou com uma ampla cobertura da mídia, incluindo o *Correio do Povo*, que publicou mais de 10 matérias sobre o tema, englobando assuntos dos mais diversos vieses na cobertura, desde tópicos políticos até conceitos e predefinições para o futuro.

Nesse sentido, pode-se aplicar novamente os conceitos de noticiabilidade e valor-notícia. Esse tipo de cobertura tem critérios de:

¹⁴ O Círculo de Fogo está situado na bacia do Oceano Pacífico, e é caracterizado por uma intensa atividade sísmica e vulcânica. Esta região forma um arco que se estende por aproximadamente 40.000 quilômetros, abrangendo margens continentais e ilhas ao redor do Pacífico, incluindo a América do Sul, América do Norte, Japão, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia.

- **Impacto:** A reunião de chefes de estado e a discussão sobre o futuro do meio ambiente global têm um impacto significativo, afetando políticas e diretrizes internacionais.
- **Atualidade:** A conferência ocorreu em tempo real, com eventos e declarações que precisavam ser reportados imediatamente para manter o público informado.
- **Relevância:** A temática ambiental é de alta relevância, especialmente em um evento global como a Rio+20, onde decisões importantes para o futuro do planeta são discutidas.
- **Proximidade:** Embora o evento fosse internacional, sua realização no Brasil aumentou a proximidade e a importância para o público brasileiro, justificando uma cobertura extensa

A aplicação desses critérios ajuda a entender por que eventos como a Rio+20 recebem tanta atenção da mídia. Eles mantêm o interesse do público vivo através da combinação de impacto, atualidade e relevância, garantindo que a cobertura seja abrangente e diversificada.

No caso da Rio+20, o fator de proximidade também foi crucial. Sendo um evento internacional realizado no Brasil, ele gerou a comoção necessária para que o público leitor do jornal nutrisse o interesse pelo fato. A realização do evento no território nacional criou uma conexão direta com os leitores, aumentando a relevância e a urgência da cobertura jornalística.

Assim, pode-se concluir que a cobertura ambiental do *Correio do Povo*, especialmente em eventos internacionais de grande impacto como a Rio+20, é guiada pelos critérios de noticiabilidade, garantindo que os leitores recebam informações relevantes e em tempo hábil sobre assuntos de importância global.

Isso também responde porque países com grande número de tragédias e conflitos ambientais ganham tanto espaço, pois tirando o conceito de proximidade, todas as outras aplicáveis, e ampliadas pelo conceito de negatividade.

2.4.4. De onde vem as informações? Quais são as fontes?

Em um sentido amplo, é das fontes que vem boa parte das informações necessárias para a construção de uma boa notícia ou reportagem, mas o que são essas fontes?

(...) pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p.09)

A primeiro passo, uma das observações que podem ser feitas do jornalismo do CP e suas fontes é a preferência por fontes oficiais garantindo maior embasamento e credibilidade nas informações.

Todavia, Fante (2020), sinaliza que o jornalismo do CP, fica muito dependente dessas fontes oficiais vindas de governos estaduais e municipais, e raramente recorrendo a fontes oficiais da ciência, por exemplo. Além da falta de fontes não-oficiais, que poderiam ajudar na compreensão de determinadas pautas, garantindo maior aprofundamento às mesmas.

As ditas fontes bibliográficas também ganham espaço, principalmente em matérias especiais, onde a demanda de informações é maior, e muitas vezes não é suprida apenas pelas fontes oficiais.

Baseado nisso, para essa análise foi adotado o modelo proposto por Schmitz (2011) sobre a divisão das fontes, e aplicada às reportagens especiais, amplas e com uma maior variedade de informações e conseqüentemente fontes.

A decisão de aplicar essa teoria apenas nas reportagens especiais surgiu devido ao grande número de dados obtidos durante a pesquisa, bem como porque nas reportagens é possível observar melhor a possibilidade do uso de fontes mais variadas. Fora que, pode-se observar que durante a pesquisa, que mesmo analisando um grupo seletivo de reportagens, ou analisando todo o conjunto, o resultado final permanecerá praticamente inalterado, tendo em vista que, o jornal possui um padrão de fontes e de como agir com elas.

TABELA 07 – Classificação das fontes nas reportagens especiais do CP

Reportagem	Classificação
<p>Mariana, um ano depois Data: 06 de novembro de 2016 Jornalista: não identificado. Nº de fontes: 03</p>	<p>Categoria: 03 primárias Grupo: 03 testemunhas Ação: todas passivas Créditos: 2 identificados e um sigiloso Qualificação: confiáveis</p>
<p>Mercado pelas Catástrofes Data: 20 de novembro de 2016 Jornalista: Simone Schmidt Nº de fontes: 06</p>	<p>Categoria: 1 fonte primária e 5 fontes secundárias Grupo: 1 fonte testemunhal, 4 fontes institucionais e 1 fonte oficial. Ação: Passiva (1) e proativa (5)</p>

	<p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>Mudanças sentidas no dia a dia</p> <p>Data: 29 de janeiro de 2017</p> <p>Jornalista: Simone Schmidt</p> <p>Nº de fontes: 05</p>	<p>Categoria: 4 primárias e 1 secundária</p> <p>Grupo: 1 Institucional, 1 oficial, 1 individual e 1 especialista</p> <p>Ação: Proativa (3), reativa (1) e passiva (1)</p> <p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>De novo há seca no Nordeste</p> <p>Data: 26 de março de 2017</p> <p>Jornalista: não identificado</p> <p>Nº de Fontes: 06</p>	<p>Categoria: 2 fontes primárias e 4 secundárias</p> <p>Grupo: 1 fonte testemunhal, 1 fonte especialista, 2 fontes oficiais, 1 fonte individual e 1 fonte referencial.</p> <p>Ação: Passiva e proativa</p> <p>Créditos: Identificadas</p> <p>Qualificação: Confiáveis</p>
<p>Natureza a preservar</p> <p>Data: 16 de abril de 2017</p> <p>Jornalista: Simone Schmidt</p> <p>Nº de Fontes: 02</p>	<p>Categoria: 1 fonte primária e 1 fonte secundária</p> <p>Grupo: Institucional e especializada, ambas</p> <p>Ação: proativa</p> <p>Créditos: Identificadas</p> <p>Qualificação: Confiáveis</p>
<p>A diferença nos pequenos gestos</p> <p>Data: 26 de junho de 2017</p> <p>Jornalista: Henrique Massaro e Mauren Xavier</p> <p>Nº de Fontes: 09</p>	<p>Categoria: Todas primárias</p> <p>Grupo: 3 fontes especializadas, 3 fontes institucionais, 2 fontes individuais e 1 fonte empresarial</p> <p>Ação: Proativas</p> <p>Créditos: Todas identificadas</p> <p>Qualificação: Todas Confiáveis</p>

<p>Animais retirados do Lar Data: 08 de outubro de 2017 Jornalista: Simone Schmidt Nº de Fontes: 06</p>	<p>Categoria: 4 fontes primárias e 2 fontes secundárias Grupo: 3 fontes oficiais, 2 fontes institucionais, 1 fonte testemunhal Ação: 3 ações ativas e 3 fontes proativas Créditos: 5 fontes identificadas e 1 sigilosa. Qualificação: 3 fontes fidedignas e 3 fontes confiáveis</p>
<p>Na rota das Baleias Data: 22 de outubro de 2017 Jornalista: Henrique Massaro Nº de Fontes: 04</p>	<p>Categoria: 2 fontes primárias e 2 secundárias Grupo: 2 fontes oficiais, 1 fonte individual e 1 fonte especializada Ação: 2 ações passivas e 2 proativas. Créditos: Todas identificadas Qualificação: 3 fontes confiáveis e 1 fonte fidedigna</p>
<p>A Poluição invisível do Guaíba Data: 04 de fevereiro de 2018 Jornalista: Marco Aurélio Ruas Nº de Fontes: 07</p>	<p>Categoria: 5 fontes primárias e 2 secundárias Grupo: 3 fontes oficiais, 2 fontes institucionais e 2 fontes referenciais Ação: 5 fontes proativa e 2 fontes passivas Créditos: Todas identificadas Qualificação: 6 fontes confiáveis e 1 fonte fidedigna</p>
<p>A escalada da poluição nos oceanos Data: 25 de março de 2018 Jornalista: Simone Schmidt Nº de Fontes: 05</p>	<p>Categoria: 3 fontes primárias e 2 secundárias Grupo: 3 fontes especializadas e 2 institucionais</p>

	<p>Ação: todas proativas</p> <p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>Aquífero Guarani vulnerável</p> <p>Data: 24 de junho de 2018</p> <p>Jornalista: Simone Schmidt</p> <p>Nº de Fontes: 06</p>	<p>Categoria: 5 fontes primárias e 1 secundária</p> <p>Grupo: 4 fontes especializadas e 2 institucionais</p> <p>Ação: 2 proativas, 1 ativa, 2 reativas e 1 reativa</p> <p>Créditos: todas as fontes são identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>Cobrança pela água do rio</p> <p>Data: 23 de dezembro de 2018</p> <p>Jornalista: Henrique Massaro</p> <p>Nº de Fontes: 04</p>	<p>Categoria: 2 fontes primárias e 2 secundária</p> <p>Grupo: 2 fontes oficiais, 1 fonte individual e 1 fonte especializada</p> <p>Ação: 2 de ação proativa, 2 de ação passiva</p> <p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: 3 fontes confiáveis e 1 fonte fidedigna</p>
<p>Canudos de plástico saem de cena</p> <p>Data: 06 de janeiro de 2019</p> <p>Jornalista: Simone Schmidt</p> <p>Nº de Fontes: 04</p>	<p>Categoria: 4 fontes primárias apenas.</p> <p>Grupo: 2 fontes especializadas e 2 fontes oficiais</p> <p>Ação: Proativa</p> <p>Créditos: Identificadas</p> <p>Qualificação: Confiáveis</p>
<p>As incertezas de quem vive próximo às barragens</p> <p>Data: 03 de fevereiro de 2019</p> <p>Jornalista: Rodrigo Celente</p>	<p>Categoria: todas primárias</p> <p>Grupo: 3 fontes oficiais, 2 fontes institucionais, 1 fonte testemunhal, 1 especializada e 1 fonte empresarial.</p>

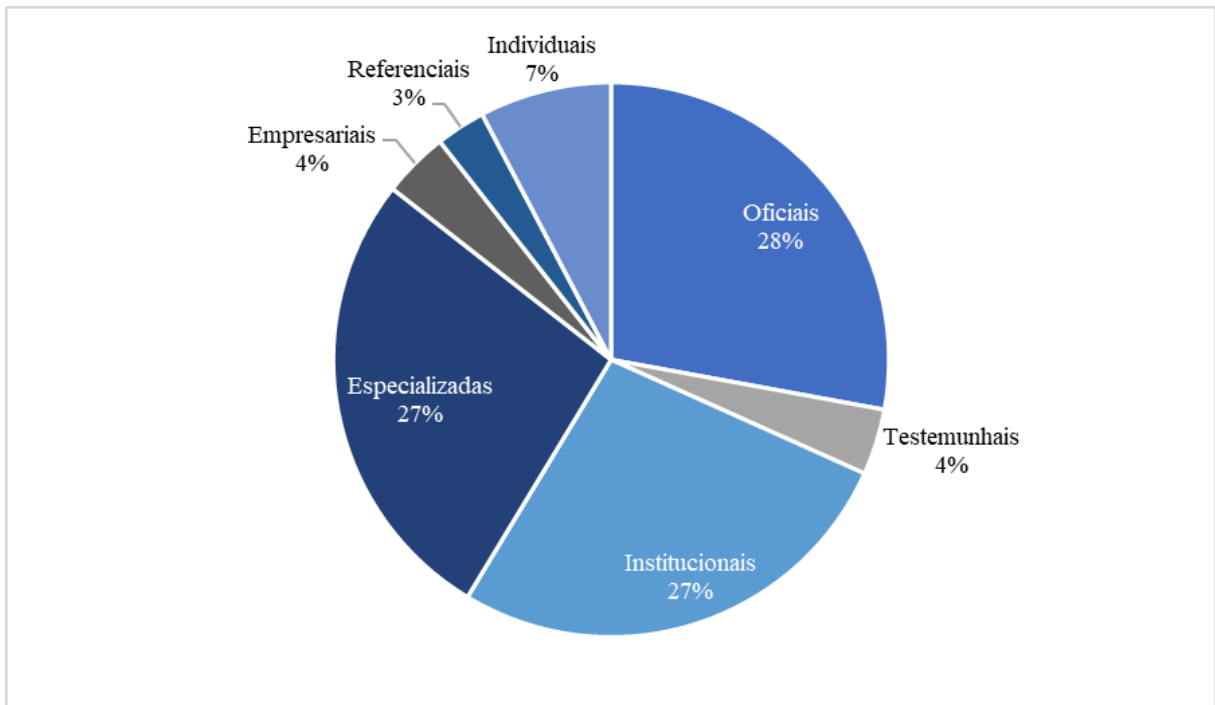
<p>Nº de Fontes: 08</p>	<p>Ação: 4 proativas, 2 reativas e 2 passivas Créditos: Todas identificadas Qualificação: 5 fontes confiáveis e 3 fidedignas</p>
<p>Águas doces do Litoral Data: 17 de março de 2019 Jornalista: Chico Izidro Nº de Fontes: 07</p>	<p>Categoria: 6 fontes primárias e 1 secundária Grupo: 3 fontes institucionais, 1 fonte especializada, 1 fonte oficial e 2 fontes individuais Ação: 6 fontes ativas e 1 passiva Créditos: todas identificadas Qualificação: Confiáveis</p>
<p>Para onde foi a mata nativa? Data: 28 de abril de 2019 Jornalista: Simone Schmidt Nº de Fontes: 02</p>	<p>Categoria: 1 primária e 1 secundária Grupo: ambas institucionais Ação: ambas ativas Créditos: identificáveis Qualificação: ambas confiáveis</p>
<p>Esgoto longe do ideal Data: 16 de junho de 2019 Jornalista: Mauren Xavier Nº de Fontes: 06</p>	<p>Categoria: 5 primárias e 1 secundária Grupo: 1 fonte oficial, 4 fontes especializadas e 1 fonte institucional Ação: 5 proativas e 1 reativa Créditos: todas identificadas Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>O carvão do solo gaúcho Data: 23 de junho de 2019 Jornalista: Christian Bueller e Henrique Massaro Nº de Fontes: 08</p>	<p>Categoria: 4 fontes primárias e 4 fontes secundárias Grupo: 1 fonte oficial, 2 fontes empresariais, 2 fontes institucionais, 1 fonte testemunhal e 1 fonte especializada Ação: 4 fontes ativas, 3 fontes passivas</p>

	<p>e 1 fonte reativa</p> <p>Créditos: 7 fontes identificadas e 1 sigilosa</p> <p>Qualificação: confiáveis</p>
<p>Críticos pedem mais debate</p> <p>Data: 03 de novembro de 2019</p> <p>Jornalista: Christian Bueller</p> <p>Nº de Fontes: 06</p>	<p>Categoria: todas primárias</p> <p>Grupo: 1 fonte oficial, 4 fontes institucionais e 1 fonte especializada</p> <p>Ação: todas proativas</p> <p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>
<p>Lucro e preservação, uma possibilidade?</p> <p>Data: 22 de dezembro de 2019</p> <p>Jornalista: Jonathas Costa</p> <p>Nº de Fontes: 08</p>	<p>Categoria: 3 fontes primárias e 5 fontes secundárias</p> <p>Grupo: 3 fontes oficiais, 2 fontes institucionais e 3 fontes especializadas</p> <p>Ação: 3 fontes ativas, 2 fontes passivas, 2 fontes proativas e 1 fonte reativa</p> <p>Créditos: todas identificadas</p> <p>Qualificação: todas confiáveis</p>

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo

Levando a tabela 07 em conta, pode-se observar alguns padrões bem interessantes, como por exemplo, a preferência por fontes confiáveis e que possam ser identificadas, no gráfico abaixo, encontram-se as divisões dos grupos de fontes.

GRÁFICO 07 – Porcentagem de aparição de cada grupo de fontes



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do Correio do Povo

Conforme já argumentado anteriormente, as fontes oficiais são as que mais aparecem, seguidas por institucionais e especializadas, o que gera uma maior confiabilidade nas informações repassadas ao público. Dentre as categorias, 70,54% das fontes são primárias, ou seja, tiveram contato direto com o acontecimento, enquanto 29,46% são secundárias.

Outro fator interessante é a preferência por fontes confiáveis e fidedignas, o que reforça a confiança com leitor para com as informações, isso vai encontro com os grupos de fontes, que são diretamente ligados a essas duas qualificações.

Em suma, pode-se entender que a escolha de fontes realizada pelos jornalistas e editores do CP, são confiáveis, que tem uma chance maior de dar informações que são interesse do leitor, e que de alguma forma contribuam para o discurso que o jornal deseja passar.

Fante (2012) destaca que normalmente os jornalistas tendem a escolher fontes que seguem a linha editorial do jornal.

Daí que surge a concentração na produção noticiosa nas capitais ou regiões metropolitanas, onde se situam os centros de poder e onde, supostamente, os acontecimentos estão mais presentes do que no interior. A concentração de fontes ligadas aos governos, fontes oficiais ou ligadas aos poderes predomina. (FANTE, 2012, p. 36)

A dependência das fontes oficiais contrasta com a pluralidade de vozes destacada por Girardi et al. (2012), que apontam a pluralidade de vozes como uma característica central do

jornalismo ambiental. Contudo, é necessário refletir que essa pluralidade de vozes não está necessariamente ligada a uma diversidade de grupos de fontes, mas sim à variedade dentro das próprias fontes, conforme indicado por Fante (2012).

4.2.5. Padrões Editoriais

Um jornal não é de funcionamento simples, e todo jornal possui seus padrões de edição, editoria e formas de agir diante de determinados eventos. Este tópico pretende discutir um pouco mais sobre esses aspectos no contexto do Correio do Povo.

O primeiro item a ser destacado é o posicionamento do jornal em relação às pautas ambientais, de acordo com as observações da pesquisa. Durante todo o período de análise, observou-se constantes mudanças na abordagem do CP, com altos e baixos quando o assunto era meio ambiente.

Nos primeiros anos, as matérias ambientais eram frequentes. Embora não fossem destaques, ocupavam bastante espaço no jornal. Com o passar dos anos, essa frequência diminuiu. Na tabela 08, encontram-se as métricas das quantidades de matérias ambientais publicadas mensalmente.

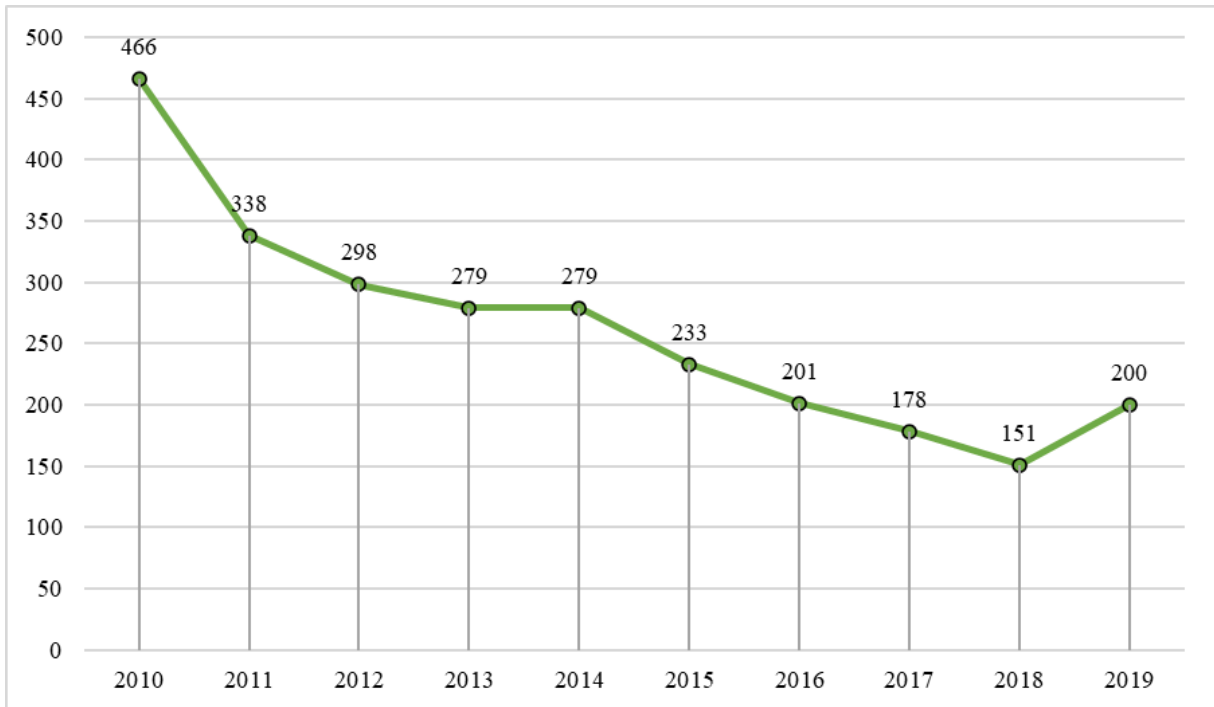
TABELA 08 – Número de notícias ambientais mensais separados por ano

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
2010	63	30	61	53	45	40	26	36	30	33	24	20
2011	31	27	36	29	23	39	26	20	29	29	19	30
2012	25	18	30	25	32	19	23	29	29	16	27	25
2013	19	23	21	28	17	22	28	23	35	30	15	18
2014	12	20	18	22	14	29	30	35	28	30	28	13
2015	16	8	10	12	22	29	24	20	25	19	24	24
2016	9	13	16	25	18	11	13	22	19	17	23	15
2017	14	16	23	13	19	10	7	16	16	9	12	23
2018	20	6	10	7	9	14	15	22	16	7	6	19
2019	19	10	21	18	8	13	17	17	16	19	22	15

Fonte: Elaboração própria, baseada em dados coletados no Correio do Povo.

Os números são bem relativos, mas é possível perceber o alto número de matérias em 2010, que é facilmente o ano com mais publicações, e já 2018 possui um número mais baixo, o mais baixo de todos. No gráfico abaixo, esses altos e baixos ficam mais evidentes.

GRÁFICO 08 – Altos e baixos da cobertura ambiental ao longo dos anos



Fonte: Elaboração própria baseado em dados colhidos no Correio do Povo

As mudanças editoriais foram um dos motivos dessas variações, pois houve uma diminuição no número de notícias por página. No entanto, esse não é o único motivo. As observações indicam que a diminuição pode estar diretamente ligada às políticas ambientais vigentes no ano estudado, além de influências dos governos e ministérios.

Essa percepção surgiu ao comparar os resultados, notando que em 2019 houve uma nova subida, contrariando a tendência de queda. Após consultas e observações, percebeu-se que esse aumento se deu por dois fatores: um nacional e outro estadual.

Entre 2018 e 2019, as políticas ambientais brasileiras sofreram mudanças significativas, interferindo na cobertura desses acontecimentos. Os constantes ataques do ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, às instituições de proteção ambiental, e a relatórios e comissões da ONU dedicadas à proteção ambiental, nesse mesmo período ocorreu a remodelação da política ambiental do Rio Grande do Sul em 2019 alavancaram a cobertura ambiental naquele ano.

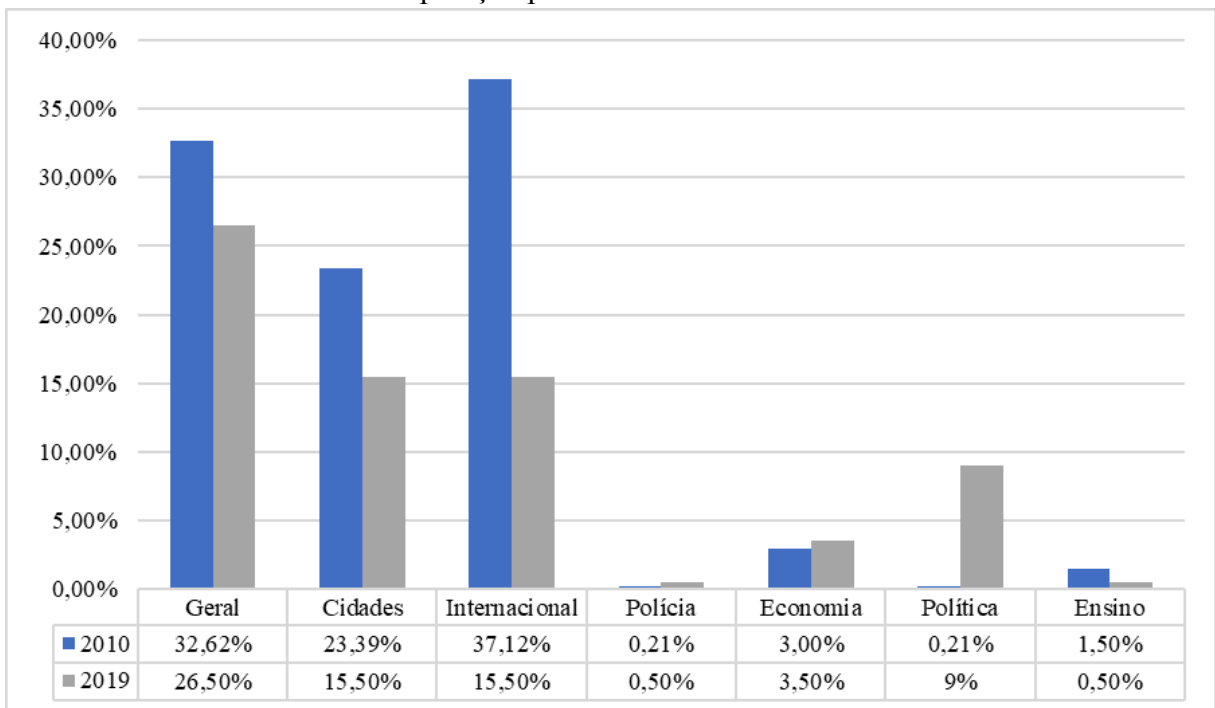
Outra mudança ao longo dos anos foi a distribuição das matérias nas editorias. O Correio do Povo não possui uma editoria própria para o meio ambiente, exceto aos domingos,

onde às vezes usa esse título. Durante a semana, as matérias são espalhadas entre as editorias correntes.

A editoria geral recebia o maior número de matérias ambientais, seguida pela editoria internacional, cidades, economia, ensino e, por fim, polícia e política. Algumas matérias eram colocadas na editoria rural, mas essa não entrou na pesquisa. Com o passar dos anos, as outras editorias começaram a receber mais matérias ambientais, tornando a distribuição mais homogênea.

Comparando o início e o final da pesquisa, pode-se notar essas mudanças diretamente. No gráfico 09, isso fica mais claro, mostrando a diminuição nas editorias geral, cidades e internacional, estabilidade em polícia, e aumento nas editorias de economia e política.

GRÁFICO 09 – Comparação percentual das editorias entre 2010 e 2019



Fonte: Elaboração própria, baseado em dados coletados do Correio do Povo

Mesmo sendo diluídos entre as editorias, os temas ambientais não deixam de ser assunto de primeira página, o destaque máximo de qualquer jornal. Normalmente, isso ocorre em situações específicas, como desastres, votações importantes ou encontros da ONU para o meio ambiente.

O meio ambiente apareceu nas capas do Correio do Povo 503 vezes ao longo dos 10 anos estudados. Novamente, 2010 liderou com 76 capas, e o mais discreto foi 2018, com pouco mais de 40.

Em todos os dados, 2018 apresenta os menores números, indicando uma menor cobertura naquele ano. Isso pode sinalizar também que 2018 foi um ano mais singelo em relação ao meio ambiente.

O meio ambiente aparece no jornal muitas vezes também em uma parte específica da página, normalmente denominada “direto ao ponto”. O tópico está normalmente colocado nos cantos das páginas, com destaque mínimo, normalmente são duas ou três notícias, mas que ganham pouco destaque.

O Correio do Povo atualmente possui jornalistas que trabalham com temas ambientais, mas que não são necessariamente especializados na área. Isso levanta a questão: o que significa ser especializado em meio ambiente? Hoje em dia, esses assuntos permeiam o cotidiano de todos, e indiretamente, todos acabam atuando como jornalistas ambientais em algum momento. Nesse sentido, a distância entre a especialização e o trabalho acaba ficando tênue e imperceptível.

No final da pesquisa, surgiu uma dúvida crucial, afinal, o saldo da cobertura é mais positivo ou negativo? Obviamente, isso vai depender do ponto de vista. Negativo pelo grande número de tragédias e acontecimentos ambientais que foram negligenciados durante a cobertura. Mas também pode ser positivo, pois por ser um veículo de grande circulação, a cobertura existe, com falhas, mas se mantém ativa no período analisado.

5. RESUMO, PERCEPÇÕES E CONEXÕES

Depois da análise de conteúdo, podemos observar os dados mais completos, onde as conclusões podem ficar mais claras. Alguns tópicos foram elencados, separando os dados mais proeminentes, e analisando-os mais detalhadamente.

Durante o período estudado, o CP produzia, em média, uma notícia ambiental por dia. Obviamente, isso é relativo, já que existem dias sem publicação do jornal, dias com mais de uma notícia ambiental, e dias sem nenhuma.

Através da teoria de Hannigan (2009), observa-se uma predisposição do jornal em abordar temas mais sensíveis no meio ambiental. Embora os acontecimentos históricos e jurídicos ganhem destaque, o foco principal da cobertura são os desastres, refletindo diretamente nos números.

Geograficamente, o CP tende a dar preferência às pautas relacionadas ao Rio Grande do Sul, outras partes do Brasil ganham destaque, mas em sua maioria o destaque é o eixo Sul-Sudeste. Na cobertura internacional, quem mais se destaca são Indonésia e Japão, dado suas posições geográficas diretamente afetados pelo Círculo de Fogo, e também Estados Unidos, devido ao grande número de Furacões e tornados que atingem o país.

A década de 2010 foi extrema, e 4 pautas nacionais (chuvas em Angra, deslizamentos em Nova Petrópolis, Brumadinho e Mariana) e 2 internacionais (Fukushima e Haiti) ganharam coberturas longas, três destes inclusive ganharam reportagens especiais no +Domingo.

Terremotos, vulcões, chuvas e incêndios florestais dominam a cobertura ambiental internacional do CP. Enchentes, deslizamentos, desmatamento e queimadas dominam a cobertura nacional do CP.

As fontes oficiais são de preferência dos jornalistas do CP para as reportagens, pois assim, trazem maior confiabilidade e credibilidade para a matéria em si, e para o jornal também.

Boa parte das fontes são categorizadas como primárias, ou seja, possuem uma relação de proximidade com o acontecimento.

O ano de 2010 foi o ano com o maior número de notícias de cunho ambiental, enquanto 2018 foi o ano com o menor número. 2010 foi o ano que mais teve notícias ambientais na 1ª página, o ano com menos 1ª página é 2018.

Esses pontos podem ser entendidos como uma série de padrões seguidos pelos editores do jornal, que são posteriormente replicados pelos jornalistas e dificilmente percebidos pelos

leitores. Além desses tópicos, outros detalhes merecem destaque, enriquecendo e aprofundando os resultados da pesquisa.

Desde o início, o conteúdo ambiental do Correio do Povo era bem engajado, com uma cobertura ampla e mais de uma notícia por dia. No entanto, ao longo dos anos, houve uma queda substancial nesses números. A cobertura passou de engajada para neutra e discreta, manifestando-se sutilmente e raramente revelando os reais posicionamentos do jornal em relação ao meio ambiente.

Conforme o jornal foi mudando editorialmente, seu posicionamento ambiental também mudou. A saída de figuras importantes, como Luiz Armin Schuch e Edson Moiano, que comandaram as editorias geral e de cidades respectivamente, pode ter contribuído para essa mudança. Essas editorias tradicionalmente sempre tiveram um grande número de matérias ambientais.

Outra observação complexa foi feita em relação a alguns conteúdos que parecem não serem cobertos deliberadamente. Um jornal é uma instituição complexa e não pode cobrir todos os assuntos. No entanto, alguns temas de grande relevância não receberam o destaque devido. Fóruns internacionais, apreensão de traficantes de aves dentro do estado, desmatamento no Pampa e na Mata Atlântica, incêndios criminosos na Amazônia e no Pantanal, e relatórios internacionais sobre aquecimento global foram frequentemente subestimados ou ausentes da cobertura.

Esses temas podem ter sido excluídos por uma série de fatores, como padrões editoriais, falta de profissionais ou outras restrições operacionais.

Dentro da análise de conteúdo, sempre existem tópicos que proporcionam conexões entre si, gerando mais profundidade para a análise. Um ponto que merece destaque é a ligação entre as coberturas longas e a teoria de Hannigan (2009), que foi mencionada diversas vezes neste trabalho devido à sua importância na compreensão de como o meio ambiente ganha espaço na imprensa.

As observações indicam que quase todas as coberturas longas, com mais de 10 notícias em pouco mais de 7 dias, estão relacionadas a desastres, como Fukushima e os deslizamentos na região Serrana do Rio de Janeiro. Esse tipo de acontecimento gera um maior número de informações por dia, estendendo-se por mais dias e conseqüentemente ocupando mais espaço no jornal. Acontecimentos jurídicos e históricos que viram cobertura geralmente se limitam a 5 notícias no máximo durante 7 dias.

Outra observação é que raramente acontecimentos impactantes internacionalmente aparecem na primeira página, destacando a preferência pela cobertura nacional e reservando

assuntos de outros países para a editoria internacional. A primeira página é reservada para eventos que rompem significativamente a normalidade.

Durante o período estudado, raramente acontecimentos impactantes internacionalmente aparecem na primeira página do CP. Isso destaca a preferência pela cobertura nacional, com os assuntos de outros países sendo reservados para a editoria internacional. A primeira página é geralmente reservada para eventos que rompem significativamente a normalidade.

Essa seleção pode ser explicada pela teoria da noticiabilidade. Segundo esta teoria, as notícias são selecionadas e hierarquizadas com base em certos critérios que determinam seu valor noticioso. Entre esses critérios, destacam-se a proximidade, a relevância e o impacto.

Proximidade: Eventos locais ou nacionais tendem a ter mais relevância para os leitores, já que estão mais próximos da realidade cotidiana do público alvo. Assim, desastres ou acontecimentos ambientais que ocorrem no Rio Grande do Sul ou no Brasil recebem mais destaque, especialmente na primeira página.

Relevância: Eventos que rompem significativamente a normalidade, ou seja, que são excepcionais ou extremamente impactantes, têm maior chance de serem destacados. A primeira página é reservada para esses acontecimentos, pois são os que mais atraem a atenção dos leitores e têm maior potencial de venda de jornais.

Impacto: A magnitude do evento e suas consequências também são determinantes. Acontecimentos que causam grande impacto social, econômico ou ambiental, como desastres naturais que resultam em perdas significativas de vidas e bens, têm mais probabilidade de serem destacados.

No caso do CP, eventos internacionais só ganham a primeira página se romperem significativamente a normalidade global ou tiverem um impacto extremamente alto. Caso contrário, são destinados à editoria internacional. Isso não diminui sua importância, mas reflete a preferência editorial por notícias que são mais relevantes e próximas ao público local.

Além disso, a teoria de Hannigan (2009) sobre a predisposição dos jornais a abordarem temas mais sensíveis no meio ambiental ajuda a explicar por que certos desastres recebem cobertura especial. Quando um desastre ambiental ocorre, especialmente em uma região próxima, ele não só atende aos critérios de noticiabilidade, mas também se alinha à tendência do jornal em focar em temas sensíveis e de alta relevância para o público.

Com tudo isso, é importante salientar que, embora a cobertura ambiental seja sutil e neutra na maioria dos pontos, ela está presente. Embora em menor escala do que outros assuntos como política ou economia, a cobertura ambiental é recorrente no jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa, observou-se que o jornal Correio do Povo, em sua cobertura ambiental, tem uma preferência notável por cobrir tragédias. Levantou-se a hipótese de que isso envolve fatores psicológicos do leitor, que tende a se sensibilizar mais com esses casos, além da retórica de que tragédias geram mais audiência a longo prazo, resultando em uma cobertura mais extensa e detalhada.

O jornal demonstrou uma predisposição em usar uma grande variedade de fontes, com uma sutil preferência por fontes oficiais, vinculadas a instituições ou especialistas no assunto. Isso gera mais confiabilidade nas informações e, conseqüentemente, maior credibilidade para o jornalista e para o veículo.

Quanto ao problema de pesquisa: “Como o jornal Correio do Povo abordou e discutiu as questões ambientais que moldaram a década de 2010 no Brasil?” No início da pesquisa, tomando o ano de 2010 como ponto de partida, a posição do jornal era bastante engajada, considerando que o Correio do Povo não é especializado em meio ambiente. Com o passar dos anos, essa postura foi se tornando mais neutra e discreta, adotando uma posição mais observadora dos acontecimentos ambientais e noticiando-os somente quando o impacto era significativo.

A década estudada foi marcada por extremos no meio ambiente e, mesmo assim, o Correio do Povo optou por uma abordagem mais simples e sutil. O jornal abordou temas importantes, mas sem um aprofundamento consistente, exceto em momentos-chave, como nos casos de Mariana, Brumadinho e Haiti.

Falando em sutileza, sutil também é a forma como as matérias de cunho ambiental aparecem no jornal, normalmente mais discretas, misturadas em meio às outras. Muitas se manifestam na seção “Direto ao Ponto”, que possui uma grafia reduzida e ocupa um canto da página. Antes das mudanças editoriais, as matérias eram normalmente alocadas na parte superior da página, quase como uma espécie de cabeçalho.

Ainda há dúvidas após essa pesquisa. Embora a análise de conteúdo fosse a mais adequada para esse contexto, ela deixa a interpretação do que foi encontrado muito à mercê do pesquisador, resultando em uma visão que pode ser considerada no aspecto micro. Em uma situação distinta, a observação participante pode ser uma abordagem complementar para observar a redação em funcionamento, trazendo outros elementos que explicam como a cobertura se desenvolve no cotidiano.

- Existe algum motivo específico para que os acontecimentos vinculados a desastres ambientais ganhem tanto destaque?
- Porque fica a impressão de que o jornal evita determinados temas¹⁵?
- Como ocorre a separação das matérias ambientais entre as editorias? Existe um padrão¹⁶, ou é aleatório?
- Existe algum acontecimento ambiental que ganha preferência em coberturas¹⁷?

Se fosse para ditar um rumo a seguir, seria adentrar a redação e tentar entender como tudo funciona por dentro, pois isso proporciona uma visão melhor dos percalços da produção de matérias do gênero.

Diversas hipóteses foram criadas e descartadas ao longo deste trabalho, buscando, não só resolver o problema, mas alcançar os objetivos propostos, e todos foram alcançados.

Jornalismo Ambiental e Melhorias na Cobertura: No Correio do Povo, poucos jornalistas são especializados em meio ambiente, mas ainda assim, é possível fazer uma cobertura concisa. Atualmente, todos têm a capacidade de trabalhar com jornalismo ambiental, desde que tenham uma boa visão dos acontecimentos. Saber filtrar o que vai virar notícia é essencial, e o filtro usado pelo Correio do Povo pode ser útil ao jornalismo ambiental.

Cobertura dos Principais Temas Ambientais na Década de 2010: O jornal foi engajado no início da década e mais discreto no final, abordando temas com neutralidade e mantendo uma certa distância de assuntos que exigiam um posicionamento mais incisivo.

Papel do Correio do Povo na Cobertura Ambiental: O jornal trouxe informações relevantes ao público, mas muitas vezes deixou de lado alguns assuntos ou deu uma polida em outros. No entanto, a informação foi passada. O jornal não assumiu a liderança em assuntos complexos, fez apenas o básico para noticiar o meio ambiente.

Esse trabalho proporcionou uma visão de como um veículo hegemônico de comunicação lida com o meio ambiente em suas notícias. Tipos de notícias que ganham destaque e como as fontes são usadas, compreendendo melhor a visão do jornal em relação ao meio ambiente.

¹⁵ Parece que evita mesmo, temas sensíveis relacionados ao meio ambiente, parece existir um receio de falar sobre eles. Talvez seja apenas impressão.

¹⁶ Em algumas notícias é possível identificar um padrão bem claro de escolha de editoria, mas outras não, isso ficou confuso no final, às vezes parece existir um padrão, mas outras parece simplesmente aleatório.

¹⁷ Novamente especulando, mas em alguns momentos, parecia que acontecimentos ambientais que tinham a ver com política ganhavam destaque na página de publicação, assim como desastres.

Conduzir esse trabalho foi desafiador em muitas esferas, desde as instabilidades no site do Correio do Povo até a necessidade de usar a criatividade para acessar os materiais necessários.

Ao final, percebe-se que, embora o Correio do Povo não seja especializado em matérias de meio ambiente, ele assume a responsabilidade na divulgação e propagação de notícias do tipo. Contudo, a falta de uma editoria específica de meio ambiente e a presença limitada de jornalistas especializados são áreas que poderiam ser melhoradas para proporcionar uma cobertura mais robusta e diversa.

REFERÊNCIAS

ACERVO CORREIO DO POVO. Correio do Povo, 2010. Disponível em: <<https://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?flip=acervo>>. Acesso em 31 de março de 2024.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo.** 1ª ed. São Paulo, SP: Edições 70, 2011

BELMONTE, Roberto Villar. **O jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro.** Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>>. Acesso em: 26 de agosto de 2023

BRASIL. Lei Federal n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981 dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 15 de outubro de 2023

BUENO, Wilson Da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 15, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>>. Acesso em 24 de agosto de 2023

BUENO, Wilson da Costa. **O Jornalismo Científico no Brasil: um Estudo de suas Raízes Históricas.** São Paulo: Summus Editorial, 1984.

CLIMATE CHANGE 2013: The Physical Science Basis. Contribuição do Grupo de Trabalho I para o Quinto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas [Stocker, T.F., D. Qin, G.-K. Plattner, M. Tignor, S.K. Allen, J. Boschung, A. Nauels, Y. Xia, V. Bex and P.M. Midgley (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, Reino Unido e Nova Iorque, NI, EUA. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2021/03/ar5_wg1_spm.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2023

DEFESA COMERCIAL: O melhor da nossa marca 2022. Correio do Povo. 2022. Disponível em: <https://portal.correiodopovo.com.br/Publicidade/pdf/Def_Comercial_2022.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2023

DEFESA COMERCIAL: O melhor da nossa marca 2023. Correio do Povo. 2023. Disponível em: <https://portal.correiodopovo.com.br/Publicidade/pdf/CP_MIDIKIT_2023.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2024

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: História e Memórias.** 1ª ed. Passo Fundo, RS: Editora Universitária, 1997.

FANTE, Eliege Maria. **As representações sociais sobre o Bioma Pampa no jornalismo de referência sul-riograndense**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012

FANTE, Eliege Maria. **O jornalismo do Correio do Povo e o discurso do desmonte da política ambiental do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sérgio. **Pesquisa aplicada: reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas**. Anuário de pesquisa, v. 2017, 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18700/A_pesquisa_aplicada_conceito_e_abordagens_metodol%C3%B3gicas.pdf?sequence=6>. Acesso em: 10 de novembro de 2023

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v.4, n. 1, 2002. Disponível em: <[GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007.](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38881088/como_classificar_pesquisas-libre.pdf?1443122076=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCOMO_CLASSIFICAR_A_S_PESQUISAS_1.pdf&Expires=1699829488&Signature=QYozq4tCc0w-HntAbZKrRTOrO9YpOpBxnGl3q9zhP-MFWLL5cyQ5BP2wN5~KbmhVHqwtPsbZgmyea6uFD-qEUZBzjGzdFYJWOD-DRc1UtJ3qyvO28XUuk6OTjIcCODA-7lfRQbfZ4uevzZxiq6QquWUDrtjaOIAFaD7khdW0RoWyk8R~dBaHazBwLWzhh2gwO8BaLI6AK9aylpXg6bAYv0638Wdf7LANTluL7J4mF04KuUSDjibKB3PZtawF~i03eJEtAjKpvU57b0CrtaYg8Gnn0B63oveduMnJS4KVqP0bX1~l3ySbDsHvl~ThgwlofdH1W6EQ5Vj0jMBSNI2bw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGS LRBV4ZA.> Acesso em: 10 de novembro de 2023</p>
</div>
<div data-bbox=)

GIRARDI, I. M. T., MORAES, C. H. de, LOOSE, E. B., & BELMONTE, R. V. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre, RS: Ed. Metamorfose, 2018

GIRARDI, I.T.M., SCHWAAB, R.T. (org.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre, RS: Ed. Dom Quixote, 2008

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. **Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental**. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>>. Acesso em 25 de agosto de 2023

HANNIGAN, John. **Sociologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

INMET. **INMET APONTA QUE A ÚLTIMA DÉCADA FOI A MAIS QUENTE NO BRASIL**. Inmet. 2022. Disponível em: <<https://portal.inmet.gov.br/noticias/inmet-aponta-que-a-ultima-decada-foi-a-mais-quente-no-brasil>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023

INMET. **INMET aponta que a última década foi a mais quente no Brasil**. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/inmet-aponta-que-a-ultima-decada-foi-a-mais-quente-no-brasil>. Acesso em: 12 novembro de 2023.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Monitoramento do Desmatamento da Amazônia Legal.** Disponível em: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/amazon/increments>. Acesso em: 25 novembro de 2023.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Estatísticas de Queimadas por Países.** Disponível em: http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_paises/. Acesso em: 25 novembro de 2023.

IPCC. **Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Summary for Policymakers.** Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2021/03/ar5_wg1_spm.pdf. Acesso em: 22 novembro de 2023.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo, SP: Atlas, 2005. p. 280-304

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2008

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia.** 3ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2001

MASSIERER, Carine. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente: um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Por que proteger a Amazônia?** Disponível em: <http://amazoniaprotege.mpf.mp.br/o-projeto/por-que#:~:text=A%20floresta%20garante%20as%20chuvas,maior%20bacia%20hidrogr%C3%A1fica%20do%20mundo>. Acesso em: 26 novembro de 2023.

MORAES, Cláudia Herte de. **Entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, Istoé, Época e Carta Capital.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente.** Brasília, DF: WWF-Brasil, 1994

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 3ª ed. São Paulo, SP: Contexto, 2017

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias.** Florianópolis, Sc: UFSC, 2011. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2024

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo.** Florianópolis: combook, 2011.

SCHWAAB, Reges. **Uma ecologia do jornalismo: o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, Antonia Costa da. **Jornalismo ambiental na rede de notícias da Amazônia: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte (2008 – 2013)**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2005. p. 51-61

TOMINAGA, Lídia Keiko; SANTORO, Jair; AMARAL, Rosangela. **Desastres naturais**. São Paulo: Editora Instituto Geológico, 2009. Disponível em: <<https://arquivo.ambiente.sp.gov.br/publicacoes/2016/12/DesastresNaturais.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2024

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol. 1: Porque as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol. 2: A Tribo Jornalística — Uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005

ONU Meio Ambiente. Environmental moments: **UN75 timeline**. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/news-and-stories/story/environmental-moments-un75-timeline>. Acesso em: 14 mar. 2024.